FON FON
ANNO XXIV — N.º 42
Rio, 18 de Outubro de 1930
PREÇO: 1$500

Este afamado producto da CASA BAYER não sómente acalma as dores, como tambem restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA é preferida pelos medicos por ser absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, de dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O crime da "Filha de Maria"

de

HILTON SETTE

— Conhece-o?

Selenio abanou a cabeça que não. Ao mesmo tempo que levava compassadamente o charuto á bocca e procurava fitar de frente, num esforço mental de reconhecimento, a figura magra e acabada do recem-chegado que se sentára numa mesinha confronte.

— Quem é?

O outro teve um riso malicioso.

— Está mesmo de não ser reconhecido mais! Coitado! O Alipio Orvalho...

— Sim!? A que está reduzido, heim?

E seu rosto foi expressão mixta de um pouco de horror e de compaixão. Um mixto de admiração e curiosidade. Algo de surpresa e de pena. Uma dessas expressões que dizem tudo, sem dizer nada.

O Terencio comprehendeu-o. Porque, depois de olhar mais uma vez para seu ex-companheiro de classe escolar, que tomava champagne cercado de dois ou tres corpos quentes de mulheres sensuaes, resolveu elucidar o amigo.

— Escute, Selenio. Si você soubesse do que me contaram outro dia, aqui mesmo, agora se compadeceria do Alipio como eu...

O *cabaret*, naquella hora de alta noite, era um paradoxo frisante com a tristeza das ruas e com a pallidez dos lampeões. Parecia tudo elle uma scena bonita de revista moderna em que a platéa era justamente dos viciados, dos depravados e dos curiosos. Ou, então, dir-se-ia que o dynamismo diario da cidade passava as horas de somno solar no meio daquella alegria doida de vida prohibida.

Porque tudo era um movimento intenso de garrafas e de mulheres. Tudo vibrava com uma musica espalhafatosa a repetir um samba genuinamente brasileiro. Tudo ria numa gargalhada de escarneo para as miserias da vida e para os prazeres duma morte que não devia tardar.

Terencio aproveitou um intervallo do jazz para, numa pausa, fazer uma rapida coordenação de idéas, uma synthese logica de phrases, um modo real e intelligente de narrar o caso do Alipio. Emfim, emquanto enchia de novo o calice, começou com seu falsete typico de fumante:

— Si hoje aquelle homem é o que é, um trapo de vida, deve exclusivamente a uma mulher...

— Basta, Terencio. Você não precisa me dizer mais nada. Já sei. Sempre é ella... Uma mulher bonita que se quer conquistar... um fructo prohibido que sabe se vender... que sabe exigir... que sabe cahir na ruins levando sua presa... Um amante não foi isto mesmo?

— Engana-se, meu caro. Uma "filha de Maria"...

— Mas que tinha uma alma "filha do Demonio"!

— Não. Uma menina até prendada, simples, bôa, que talvez não tivesse coragem de matar uma formiga... Ouça. O Alipio era como você sabe. Aquella alma de santo... aquelle caracter inflexivel... aquelle genio esquisito de rapaz muito raro de se encontrar hoje em dia...

— Pelo que nós mesmos o chamavamos de "molle"!

— E' verdade. Mas vamos ao negocio. Ha um anno mais ou menos, o Alipio conheceu a tal mocinha. Numa occasião em que assistia á sahida das alumnas do Santa Gertrudes lá em Olinda. Os modos, a simplicidade, o recato della casaram-se com o espirito delle. Ficou apaixonado. Uma paixão forte, como, aliás, todos os seus sentimentos. Muito respeitoso e timido demais, o nosso amigo preferiu uma carta ao entendimento directo com a moça. Escreveu-lhe. E a resposta não se fez tardar tambem numa carta toda confidencial. Nella, a linda apaixonada do Alipio contava o impossivel de seu matrimonio. Porque numa promessa havia se promettido a Jesus Christo. Ia ser freira. Ia ser uma daquellas bondosas benedictinas que a guiavam ao caminho do saber e de Deus, logo que sua mãe morresse. Sim. Sua mãe, a unica pessôa no mundo para quem vivia e por quem havia feito semelhante promessa uma vez em que esteve nas portas da morte, era a unica ligação que ella tinha com o mundo profano...

— Caso singular!

Desta vez, os olhos de Selenio foram bater na mesinha de confronto com outra expressão. Mais sentimentaes e cheios de piedade por aquelle desgraçado que se entregava de todo aos carinhos das mulheres sensuaes, desde que não pudéra recebel-os das mãos de quem depositára seu amor.

A entrada de um grupo de coristas fez augmentar a animação do recinto. A musica cada vez mais flexuosa, cada vez mais barulhenta, cada vez mais vibrante parecia levar tudo a uma vertigem louca de prazer e de lascivia. E lá fóra, longe daquelle pedaço de vida, a noite chorava estrellas por cima da cidade.

Terencio, para continuar a fallar, teve que levantar um pouco a voz:

— O choque foi muito grande para a alma do nosso ex-companheiro.

A principio, pensou em vencer. Procurou dissuadil-a da promessa. Mas ella, si bem que gostasse e tivesse pena do Alipio, era bastante forte em sua crença religiosa para trahir semelhante pacto. E, num desespero de soffrimento, elle procurou um meio de esquecêl-a. Tudo debalde. A sombra da "filha de Maria" perseguia-o por todos os lugares. Martyrizava-o. Fazia-o padecer.

— Só no amor elle foi fraco...

— Um dia trouxeram-no aqui. Este ambiente fêl-o esquecer por momentos a sua desventura. O Alipio cahiu. Depravou-se. Arruinou-se. E hoje é aquelle trapo de vida que você está vendo...

— Tem razão. A pureza della matou-o...

Depois do Anno 2000

Por PIERRE MILLE

POR essa época, pelo anno 2050, a diminuição da natalidade em França, que, desde os principios do seculo XX, inspirava legitimas inquietações, tornar-se-ia um flagello. Não haveria mais ou quasi mais crianças. Mas, de outro lado, a medicina e a cirurgia teriam descoberto processos infalliveis de rejuvenescimento para os adultos. Esses, no emtanto, só aproveitariam ás classes mais opulentas da população.

Mas foi quando um deputado, usando da iniciativa parlamentar, propoz a creação de institutos nacionaes e gratuitos de rejuvenescimento.

"Já que, dizia elle, na sua exposição de motivos, os francezes se recusam a nascer, é preciso, senão evitar que elles morram, ao menos permittir-lhes — e democraticamente a todos — de viver o maior tempo possivel."

A lei foi votada com enthusiasmo, e, é preciso que se diga, com alguma surpresa.

Fosse como fosse, os francezes attingiriam todos, a partir daquelle instante, uma idade extraordinariamente avançada — conservando-se jovens na apparencia e nos gostos. Não morreriam mais prematuramente senão em consequencia de seus males inevitaveis, que atacam tanto a mocidade como a velhice, ou, então, esmagados pelos automoveis ou em accidentes de estradas de ferro, ou, ainda, assassinados, pois o numero de crimes passionaes augmentára ainda mais.

Crimes, mesmo, tão somente. Constatou-se, alguns annos depois da creação dos institutos nacionaes e gratuitos de rejuvenescimento, um acrescimo entristecedor de parricidios e de matricidios. Prolongando-se quasi infinitamente a idade dos parentes directos e collateraes, além dos antigos limites fixados pelo curso ordinario da natureza, os herdeiros perdiam a paciencia. Alguns, e em numero sempre crescente, acabavam por enfurecer-se. Precipitavam a morte, ou, pelo menos, se esforçavam para isso, dos paes, mães, tios e tias. Eram, na verdade, horriveis massacres.

Outras causas juntaram-se a essa para levar a desmoralização ao cumulo. E' bom, é necessario que, numa communidade bem organizada, o maior numero de pessoas fique, pela idade, ao abrigo das paixões amorosas. A sua indifferença glacial põe aos movimentos da sociedade um freio salutar. Ellas lançam sobre todas as coisas um golpe de vista mais frio e mais imparcial. Ao mesmo tempo que ellas se recordam sufficientemente do passado para se tornarem indulgentes a algum afastamento, mesmo a horriveis furores, esforçam-se por evital-os. Desapparecido esse freio, a França e os paizes que a imitaram foram arrastados a um turbilhão funesto e tragico de romantismo sanguinario e de ferocidade atroz. Assim, os crimes gerados do amor, vieram juntar suas devastações aos que o vil instincto do lucro suscitava. Que digo? Confundiam-se no seu movel original, pois, desde o principio do mundo, o oiro compra o amor, mesmo sem o querer, porque elle é o luxo, porque elle enfeita a belleza, porque elle decora o prazer.

Coisa mais deploravel ainda, esses homens que conservariam, além dos limites habituaes, o poder e a vontade de amar, podiam juntar a isso a sombria experiencia de uma velhice quasi fabulosa.

Nenhuma astucia de Dalila, nenhum artificio de Circé, nenhuma feitiço de Déjanira podiam enganal-os. Elles eram Hercules, com a secca e multisecular sciencia dos corações de Tiresias e de Chiron. Elles eram terriveis. Eram maus. Eram invenciveis.

Não é tudo. Ouviu-se logo um grito de angustia lançado de uma só vez pelas companhias de estrada de ferro, de seguros, as grandes sociedades financeiras, e o proprio governo!

— Estamos arruinados! Para nós é a fallencia, é a bancarrota! Tinhamos policia a pagar, compromettemo-nos a dar pensões de aposentadoria ás pessoas que, segundo previsões normaes, deviam deixar este mundo entre sessenta e oitenta annos. Um centenario era a mais rara das excepções. Agora é a regra. Só temos uma coisa a fazer, lançar o nosso protesto! Que se fechem o mais breve possivel os institutos de rejuvenescimento. Senão o capital desapparece e não resta mais barreira ao communismo, e a sociedade e a civilização estão perdidas!

O ministro das finanças fez-se éco dessas justas queixas. Elle proprio renunciava a estabelecer o equilibrio do budget nacional. A cifra das pensões devidas aos funccionarios e aos mutilados das guerras elevava-se, naquelle momento, a cincoenta milhares de francos papel. O pagamento dessas pensões havia obrigado a recorrer de novo á tabella de notas, o que fez descer o nosso franco bem abaixo dos 20 centimos-ouro fixados pela estabilização. O ministro propoz então o fechamento dos institutos de rejuvenescimento: a salvação da França estava, disse elle, dependendo disso. Mas elle foi derrotado. Parte do pessoal parlamentar era composto de homens que ainda não haviam soffrido o tratamento de rejuvenescimento e queriam gozar seus beneficios; outros, que se haviam aproveitado, contavam fazer-se renovar; pois os institutos, como succede sempre, tinham aperfeiçoado os processos, e agora podiam garantir uma segunda, até uma terceira maturidade. De mais, haviam recebido grandes donativos, dadivas dos macrobitas reconhecidos. E' empregavam parte desse dinheiro em entreter uma agitação politica em favor delles.

Para evitar uma guerra civil, o presidente da Republica, com o consentimento do Senado, exigido pela Constituição, tomou a resolução de dissolver a Camara. Foi então a maior campanha eleitoral a que assistiu nosso paiz. A cifra dos votantes attingia a proporção, até então desconhecida, de 98 %. Era notavel a parte activa que tomavam os jovens literatos na luta em favor da suppressão dos institutos: é que, desde cerca de um seculo, não se dava nenhuma vaga na Academia Franceza, á excepção da da cadeira do senhor Charles Le Goff, assassinado por um rival, despeitado dos seus successos junto á senhora Odille Dorel, na idade de cento e noventa e sete annos.

Foram esses escriptores que conduziram em parte a luta. Tiveram que lutar contra as mulheres, pois ellas tinham, nessa época, o direito de voto; ellas tambem eram remoçadas pelos Institutos; e faziam maior questão desse privilegio que os homens.

Mas, finalmente, o partido da suppressão triumphou, ainda q

Troque seu Velho Rosto por um Novo

A mulher que em nossos dias se permitte ostentar um rosto cheio de rugas, manchas, pannos e outras imperfeições, commette uma falta gravissima, pois é uma das mais importantes obrigações da mulher a de possuir uma cutis encantadora.

Nada ha que seja tão facil como a conquista de uma cutis immaculada e fresca como a de uma creança. Já se contam por milhões as mulheres que hão tido opportunidade de comproval-o e de desfructar a dita que semelhante conquista depara. E isto se consegue bastando lavar-se todas as noites, o rosto com agua tepida, applicando-se logo cera pura mercolized. A cera pura mercolized extirpa gradualmente e sem dôr, toda a cutis velha, fazendo que se desprenda em particulas imperceptiveis e que seja substituida pela nova tez, formosa e saudavel, que toda mulher possue debaixo da sua velha pelle.

As mulheres prudentes, as que sabem discernir e tem intelligencia superior, sabem que a Natureza obra sempre de forma discreta e que precisamente nessa discrepção está o segredo dos maravilhosos resultados que em poucos dias se obtem com o emprego da

Cêra Pura Mercolized

(em inglez "Pure mercolized Wax")

O que nem todos sabem

JULGAMENTO DE SIR WALTER RALEIGH

Ha 307 annos atraz, a justiça era muito mais arbitraria, para não dizer cega, do que hoje. Os pobres condemnados, não tendo direito a uma explicação, eram mandados para a forca sem o menor escrupulo. Foi assim que, em 1618, julgaram e condemnaram Sir Walter Raleigh, o qual, depois de 15 annos de carcere, se viu levado á forca, apesar dos protestos que lançou de sua innocencia.

Houve um attentado contra a dynastia, e Sir Raleigh foi responsabilizado. No jury, o advogado do rei não deixou ao accusado o direito de defesa, e nem consentiu que fosse por elle interrogado o seu accusador — Lord Cobham, o qual não tinha provas materiaes contra Raleigh, mas, apenas, dizia que elle havia confiado o seu plano a elle Cobham. Isso mesmo foi, mais tarde, dito, pelo proprio Cobham, ser falso, e depois apresentado novamente como verdade.

O advogado do rei injuriou Raleigh, dizendo-lhe:

— Você é um monstro; tem de inglez o rosto, mas a alma é hespanhola. Emquanto você fôr vivo, o rei e seus filhos não terão a menor segurança. E' um monstro com fôrma de homem!

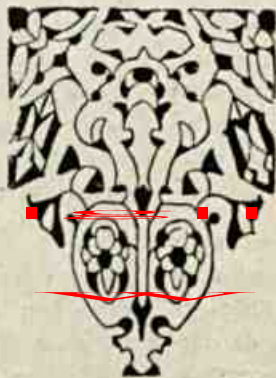
— Palavras não são provas — replicou Raleigh — e eu morro como um subdito verdadeiro para o meu rei.

— E' o maior traidor que tenho conhecido! — respondeu o promotor.

Os jurados retiraram-se e, quinze minutos mais tarde, appareciam com a sentença seguinte, que bem mostra a crueldade da gente daquelle tempo: "Será levado daqui para o logar de onde veiu e lá ficará até o dia da execução; nesse dia, será pendurado e cortado vivo; as entranhas serão arrancadas e lançadas ao fogo deante dos seus olhos; a cabeça será, depois, decepada, e o corpo será cortado em quatro pedaços, que serão postos onde o rei mandar. E Deus tenha piedade de sua alma!"

Essa sentença foi suspensa por 15 annos, os quaes Raleigh passou preso na fortaleza da Torre. Deram-lhe, então, uma commissão para explorar ouro na Guyanna, mas, infelizmente, a expedição falhou e, ao voltar á patria, Raleigh foi levado ao cadafalso, sendo o resto da sentença perdoado. Morreu como um heroe, com o sorriso nos labios e dizendo: "E' um remedio cortante, mas cura todas as molestias..."

DE QUE SE FORMAM OS SONHOS

Certo, muita gente suppõe que os sonhos são formados á mercê da fantasia. Até hoje, porém, ainda ninguem soube como saem do nosso subconsciente esses castellos tão lindos que o somno nos mostra e que, ao despertar, se desmoronam ao contacto da luz. Mr. J. J. Ratcliff, que se tem dedicado a este estudo, conta-nos desta fórma a origem do sonho:

"A sua origem é natural e vem de algum processo ainda não conhecido, mas que tem a mesma fórma do acordar."

Bergson diz que nossas lembranças ficam accumuladas sob uma pressão, como o vapor em uma caldeira, e que o sonho é, nada mais nada menos, do que uma valvula de escapamento.

A duração do sonho é muito illusoria; um individuo, posto em observação, notou que, ao adormecer, batia a primeira pancada da meia noite; pois elle sonhou que viajava em um navio, a viagem era longa e no meio do caminho houve um naufragio e elle nadou para certa ilha deserta que ficava a duas milhas do logar onde o navio afundara. Já estava perdendo a esperança de salvação, quando foi salvo por um vapor corsario que passava. Ficou sendo ladrão do mar, com seus salvadores; foi para regiões longinquas, ganhou muito dinheiro e, afinal, resolveu voltar para a Inglaterra, onde se estabeleceu como commerciante. Um dia, foi reconhecido como o antigo ladrão do mar por uma das suas victimas e levaram-no para a prisão. Julgado rapidamente, foi condemnado á morte. Na hora de ser enforcado, quando o nó já começava a correr-lhe no pescoço, acordou, e ouviu ainda a ultima pancada da meia noite... Tinha sonhado tudo aquillo emquanto o relogio batia 12 pancadas...

E' sabido que os famintos sonham com iguarias deliciosas; os que atravessam desertos aridos, com campos ferteis e rios caudalosos, o que faz dizer a Thomas Brown que os sonhos são compensadores das lacunas que a natureza deixa ás nossas necessidades.

Depois do Anno 2000

(Conclusão)

por insignificante maioria. Os homens, então, recomeçaram a morrer. Taes eram a fadiga, o medo mesmo, das desordens causadas por uma quasi immortalidade, que, apesar da mudança profunda nos habitos sociaes já adoptados, ninguem pensou em lastimar, salvo um joven que vivia solitario, ignorado, ardente e pobre, num quarto de indigente. Não queria o amor: só pensava em completar uma obra immensa e difficil, da qual havia traçado o plano. Elle dizia comsigo mesmo: "Falta-me ainda a sabedoria secular, a sciencia que não póde chegar senão depois de longa, muito longa observação, por mim-mesma, dos seres e das coisas. Quero saber, saber, saber!... Que de tempo é preciso para saber! — mesmo o seu officio, seu humilde e unico officio! Mas que eu possa viver e saberei: farei o que ninguem ainda fez, alguma coisa de completo, de inesquecivel e de divino!"

Fechados os institutos, elle morreu chorando sobre uma pagina por terminar, que a porteira lançou ao fogo. E ninguem no mundo teve conhecimento disso.

A lenda da arvore de Rasu-Nul-Bei

EM Nicahour, a maravilhosa e florescente provincia persa, existe um logar mysterioso, ponto obrigatorio de peregrinação de turistas, que foi, em épocas longinquas, theatro de uma impressionante tragedia, cujo horror infindavel pesa ainda no coração dos nicahourenses que pertencem á raça dos tadjiks, e cuja recordação inflamma ainda de odio o coração bellicoso dos turkis.

Esse logar fica, mais ou menos, a quinze kilometros do limite éste da provincia, em meio de um bosque, onde o sol não penetra nunca. O caminho que ali vae dar não é de difficil accesso, como se poderia suppôr, pela infinidade de arbustos que se cruzam e se emmaranham. Pelo contrario, seu trato cuidadoso assombra, em sitio tão selvagem, e isto se deve a centenas de voluntarios, que se esmeram em conserval-o liso de chão e limpo de ramos. Devotos fervorosos da lenda da arvore de Rasu-Nul-Bei.

Antes de ali se chegar divisam-se no caminho algumas pedras velhas que parecem ruinas de uma casa dos tempos primitivos. A unica coisa que subsiste para que se guarde essa illusão é um pedaço de columna quadrada, de um só pedaço de pedra, com um amago de capitel. Essas ruinas, que, segundo a lenda, pertenciam á torre onde habitava o velho turkis, é a prova irrefutavel em que se apoiam os crentes para confundir a duvida de seus adversarios.

Os guias, ao se aproximar, baixam a voz. Contam a historia como quem fala perto de um sepulcro. Apesar da frequencia de suas visitas a essas regiões, é curioso observar o temor, ou melhor, o respeito que os domina quando, na volta do caminho, se enfrentam com a arvore milagrosa.

Ao turista se apresenta, de repente, um espectaculo que o deixa estupefacto. Ahi, numa desordem fantastica, se foram accumulando as offerendas, promessas e sacrificios de muitas gerações que renderam culto a Rasu-Nul-Bei.

Seria impossivel dar uma idéa do que suggere esse abarrotamento de objectos, flores seccas, corôas, joias e cirios meio consumidos, mistura informe, que, entre os troncos lenhosos e nodosos ramos impressiona como restos de um naufragio cyclopico.

A arvore que surge impertérrita desse agglomerado é uma especie de álamo da Carolina, mas muito mais alto e mais denso. Em vão o turista procura encontrar nella algo de extraordinario. E' igual a todas as arvores que viu. Só a immensa altura o desconcerta. Olha o guia, aguardando uma explicação do que aquillo significa. E o guia, com a cabeça deitada para traz e o braço estendido, assignala em cima, entre os ramos, um ponto que fascina seus olhos muito abertos e murmura, alteando a voz:

— Ali está!... Ali! Perto do ultimo ramo!.. Não estão vendo? Apenas se balanceia envolto em seus véos... Ali... ali...

O turista estremece involuntariamente deante da evocação da presença mysteriosa. Mas nada divisa apesar do esforço que faz; e inclina-se a acreditar que seu guia soffre das faculdades mentaes. Mas o guia, evidentemente, contempla alguma coisa que pelo olhar fixa com insistencia, e seu braço assignala.

Afinal, o turista, incredulo e decepcionado, se convence de que a causa de tanta admiração e veneração é uma esphera de terra, semelhante ao ninho de certos passaros, que pende dum dos mais alto ramos da arvore.

onde as lianas, pacientemente, no transcurso dos annos, teceram o véo que a envolve, véo de uma transparencia maravilhosa.

E isso, segundo a lenda, essa massa redonda, que parece ser de barro escuro, e que elles, os allucinados, vêem com côr de sangue, é a união de dois corações, que se transformaram num só, petrificados em seu amor.

* * *

Um joven tadjik, artista sensivel, que cantava os emocionados poemas ancestraes com graça infinita, de caracter jovial e malicioso, que contrastava com a austéra presença de sua elevada estatura, teve a immensa desdita de se apaixonar pela filha de um turkis, que correspondeu ao seu amor.

Eram essas duas raças antagonicas. Duas raças que, desde centurias atraz, disputavam o predominio do paiz. Duas raças cujo odio profundo vibrava em anathemas e maldições. Era um divorcio completo de tendencias, caracteres e civilizações. Muito mais intenso do que o desaccordo das poderosas familias dos Montescos e Capuletos, cujas lutas sangrentas encheram de pavor as ruas de Verona, lá pelo anno de 1300!

O velho turkis, robusto, energico e tenaz, como todos os de sua estirpe, audaz na acommettida, e violento em sua resolução, abandonou, um dia, seu povo nomade, que andava em tribus pelo Norte, para conquistar, com seus sequazes, uma torre occupada por semitas, onde queria esconder um precioso thesouro, temeroso de que, na vida aventureira dos caminhos, onde os encontros bellicos se apresentavam de repente, lhe fosse o mesmo arrebatado.

A lenda não diz o nome daquella mulher bonita, que seu pae, conhecendo a contumacia dos turcomanos, teve o cuidado de guardar bem guardada.

Não diz, igualmente, como o joven inimigo de sua raça, mixto de arabe e de indio, com negros olhos ardentes, debaixo de arqueadas e espessas sobrancelhas, chegou a violar o hermetico retiro onde estava encerrada sua deusa.

Talvez seu canto tenha penetrado, antes delle, naquelles muros...

Mas, a lenda diz da paixão violenta que uniu os labios amorosos. Todos os amores, desde os mais ternos, os mais mysticos, até os mais exaltados que nos legou a historia do coração, se achavam em uma poderosa harmonia de sentimentos com aquelle, que expunha os dois apaixonados a um perigo immenso, pois, para aquelle povo, o ter approximado e confundido dois destinos irreconciliaveis, esquecendo o odio ancestral que dividia as duas raças, era um crime horrendo, que merecia a forca ou a fogueira.

A imaginação popular, fecunda sempre em concepções que tendem a immortalizar, enaltecer e render culto ao divino amor, foi através de varios seculos creando cantos que as gerações transmittiram, religiosamente, umas ás outras, elegias de amor attribuidas ao apaixonado tadjik.

Mas esse amor, como todos os intensos amores da historia, como todos os classicos amores, não perdurou na vida.

Para ter podido legar sua celebridade a todas as idades; para que esses legendarios amores fossem exemplo de paixão e culto, foi necessario, imprescindivel sempre, a brutal separação dos amantes, arrebatados um ao outro pela força da vida ou da morte.

E assim, desde Enéas e Dido, Petrarca e Laura, Paolo e Francesca, Romeu e Julieta, Abelardo e Heloisa, nunca o amor envelheceu no peito.

Embora, ás vezes, essa sublime communhão de espiritos perdurasse na separação e na distancia, era indefectivelmente na dôr.

Que teria succedido si a rainha Dido acompanhasse Enéas em suas viagens? Si Francesca houvesse abandonado seu esposo para dedicar-se inteiramente a Paolo, seu amante? Si Romeu e Julieta houvessem tido filhos? Si o mesmo houvesse occorrido com Heloise e Abelardo? E si Laura houvesse cedido á paixão de Petrarca?

Talvez nem conhecessemos seus nomes... Talvez os ignorassemos...

Tragico tambem foi o destino dos heroes de nossa lenda.

Uma noite, regressou o velho turkis de suas jornadas, e surprehendeu os vibrantes apaixonados em seu cego delirio. Escutou, tremulo de raiva, e de horror, o ternissimo segredar desse maravilhoso colloquio, como nunca escutaram nem escutarão jamais os tempos. Não houve piedade para elles. Esse amor extraordinario não mereceu compaixão. Reunidos os turkis em um mesmo sentimento de terrivel vingança, para escarmento e castigo, condemnaram o infortunado tadjik a ser testemunha dos supplicios infligidos á sua amante, para depois soffrer elle o mesmo: abriram o peito de ambos, afim de arrancar de lá o coração. Esses corações, que haviam peccado tão deslealmente contra os preconceitos da sua raça, deviam ser arrancados e lançados a uma fogueira, para que as chammas os devorassem.

Qual não seria, porém, o assombro daquella gente, quando, ao abrir os corpos ainda quentes, ainda bellos, dos cadaveres, os verdugos não encontraram os corações que procuravam!

Um subito silencio seguiu aos gritos estridentes de ira e de morte com que as tribus, assistindo ao espectaculo, manifestavam sua indignação pelo peccado. E aquelle subito silencio transformou-se em terror, panico indescriptivel, quando notaram que sobre suas cabeças, a uma grande altura, gottejando sangue, os dois corações, unidos, desafiavam a colera daquelles que pretendiam separal-os com a morte.

As tribus fugiram, espavoridas... Fugiu o velho turkis, arrastado pelos seus criados, rangendo os dentes.

E o bosque ficou só... Cahiam, cada vez mais pausadamente, as gottas de sangue... No alto, no silencio, os dois corações, fortemente unidos pelos seculos dos seculos...

MENDES (S. Paulo) — Meu caro. Dou aqui a sua carta amavel, porque o assumpto della me dá margem para um commentario opportuno e que responde á interrogação de muita gente.

Escreve o sr.:

"São Carlos, 21 - IX - 30 — Bastos Portella — A minha maior felicidade, foi ter me familiarizado com os teus escriptos. Se nelles tenho encontrado o proprio encanto de viver, não concordo com o quando dizes que "o coração masculino é quasi sempre sceptico e egoista." A tua superioridade intellectual não inclue nessa opinião as intelligencias accessiveis as bellezas do espirito, não é?

"Enchi minhas mãos nervosas
de rosas e beijos vãos."

E fico a meditar no mundo das cousas que isto encerra...

Yves, porque por tres annos quasi, esperamos a "Garçonne Carioca?"

Ha qualquer cousa que me diz, — o meu ser pensante, talvez, — que achas que ella não retrate como queres, a vida hodierna, ou a época das garçonnes; época partindo para dar lugar a outra que chega. A época do cinema uivado e berrado, á guisa de cantado e falado.

Que opportunidade magnifica! Ella será a transição das duas épocas.

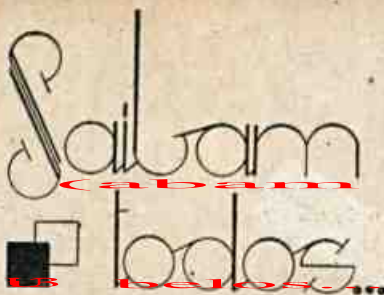
Yves, como vou te dar o abraço de despedida, uma perguntazinha innocente. Quando vens á São Paulo? — *Mendes*".

Resposta:

1.º — Sou extremamente sensivel aos termos gentis da sua missiva:

2.º — Quanto ao seu reparo sobre o meu livro, devo dizer que a epoca é, cada vez mais, das "garçonnes". Pelo menos aqui no Rio. Porque a nossa "garçonne" — a carioca — é a joven que se lança a todas as surpresas da vida, acceitando os processos mais tortuosos para vencer: — crear-se uma situação de prazer e conforto, vivendo, embora, sob mil mascaras diversas.

A "garçonne" é a intrusa, que surge nos meios sociaes e não se sabe quem seja; é a joven emancipada, que não tendo um estado civil definido, participa de todos elles, de accôrdo com o ambiente e as circumstancias.

A "garçonne" é a viciada, é a vadia, a mulher sem compostura, mas que sabe apparentar as mais solidas virtudes, forçando, ainda, a admiração, o acatamento e as sympathias geraes. A "garçonne" é a joven moderna, amiga do cinema, *sportswoman*, jogadora, frequentadora de clubs e cabarets;

independente, dissipada e dona de uma vida inutil a si e aos demais.

E' a pequena que vem do primeiro degráo da escada social; e, depois de attingir o apice dessa escada, de lá se despenha, sem que ninguem se aperceba ou se apiede do seu fracasso.

E' essa a "garçonne" que me proponho apresentar, no meu proximo romance, tendo a certeza de que não vou descobrir a polvora, mas contribuir com um pequeno e modesto subsidio, para a historia da nossa vida social, neste segundo quartel do seculo XX.

O resto a critica o dirá; pois é claro que não escrevo para que os meus livros se resguardem de ataques, como si fossem donzellas pudicas e veneraveis...

JOAQUIM RAMOS (Espirito Santo) — Olá, sr. Ramos, o sr. me lembra um certo mendigo ("excusez du peu"...) aqui do meu bairro. O homem não diz nunca: "Uma esmola, pelo amor de Deus!", nem como aquelle de Stecchetti: "Fate la carità!" Elle impõe: "Faz favor de me dar alguma coisa". Elle baseia a sua imposição naquelle mandamento do Evangelho: "Dae de comer a quem tem fome..." E' um philosopho.

O sr. me evoca o pedinte bizarro: em vez de vir com bôas maneiras, ao pedir uma opinião sobre a sua mentalidade literaria, investe, na sua critica, contra aquelle que não lh'a pediu.

Em todo caso, o sr. é curioso. Peor poderia ser...

Mas vejamos a sua carta. Eil-a na integra:

"Yves. — Na época actual todos se dizem literatos, eu, porém, não o sou e nem tenho pretensões a isso. Mas, em verdade, escrevo nas horas de melancolia algumas cousas, porque o escrever muito me suavisa e conforta nas maguas interiores.

Foi numa dessas horas, que resolvi mandar-te um dos meus "trabalhinhos" não com o desejo de publicidade, mas sim com o desejo de ver o meu escripto através do prisma de tua critica ironica e sábia.

Considerando agora os teus trabalhos literarios, falo-te francamente que os não aprecio. Não quanto ao talento, porque julgo teres bastante, mas sim quanto ao estylo. Este não me agrada, acho-o cheio de anglicismo, gallicismo, hespanholismo e tudo quanto se diz respeito ao estrangeirismo. E uma verdadeira miscellania literaria. Noto ainda o emprego de muitos neologismos.

Yves, não quero doutrinar, mas abandone este estylo e serás um bom escriptor, porque tens intelligencia, cultura e talento — penso eu.

Não quero dizer com isto, que a nossa lingua não soffra de linguas subsidiarias a sua influencia, soffre sim. Mas, Yves, abusas dessa influencia.

Para não mais te tomar, o tempo, peço que critiques o meu trabalho segundo os principios da equidade literaria.

Do amigo sincero — *Joaquim Ramos*.

Agora vamos á resposta:

1.º — O sr. perdeu o seu latim e o seu tempo, uma vez que continúo a passar sem a sua critica;

2.º — O meu caro poeta declara que tenho a mania das citações estrangeiras. E por isso acha que só escreveria bem si não usasse e abusasse dessa mania que só se encontra nas pessôas que lêem, a nunca nos pulhas, que não vão além dos romances de porta de engraxate. No emtanto, declara que tenho talento. (Obrigado, entre parenthesis. Depois desse elogio, começo a ser alguma coisa nas letras...) Ora, o sr. confessa não gostar do meu estylo, nem do meu estrangeirismo. Mas pontifica, com certa duvida: "...abandona este estylo (este ou esse?) e serás um bom escriptor porque tens intelligencia, cultura e talento, penso eu."

Muito bem. Como me pede criticai-o, direi apenas que os papeis estão invertidos: o sr. não me toléra o estylo, mas admitte, com certa duvida, que tenho talento.

Eu, porém, admitto, com certa duvida, que o sr. tenha um estylo; mas não acredito que tenha talento. Por que? — indagará, insultado. Porque o sr. me enviou uns versos que revelam uma pobreza de espirito, a toda [prova].
Si não, vejamos:

CREPUSCULO NA MINHA GLEBA

A tarde morre lentamente...
O céu de um azul liquido
Tem para os lados do occaso
Uns tons ensanguentados. E' o
[crepusculo

Que baixa... O almo crepusculo
De minha terra, envolvendo com
Seu manto de velludo negro
A paz de cousas santas!

3.º — Francamente! O seu quadro crepuscular, sobre ser pintado com uma linguagem millenar: "A tarde morre lentamente..." — que recorda José de Alencar, na *Iracema*, reproduz idéas e imagens de toda gente, num tom prosa chula e ôca. Não vale a pena tanta xenophobia, tanto horror de citações em idiomas estrangeiros para escrever na lingua materna babuzeiras de tal ordem:

O céo de um azul liquido
tem para os lados do ocaso
uns tons ensanguentados. E' o [crepusculo
que baixa...

Sr. Conselheiro Accacio, sr. La Palisse, todos nós sabemos que isso é o crepusculo — matutino ou vespertino... Agora, o que não se sabe é a razão porque o sr. se dá ao mau gosto de escrever banalidades literarias, quando confessa que não é literato...

Já é vontade de atormentar a paciencia de um mortal. Não é sr. Conselheiro Accacio?

MARIA PAULA (Capital) — Diz o velho adagio: "cada um dá o que tem"...

Ora, querendo homenagear "Miss Universo", v. ex. traçou uns versos mancos, aleijados, mas que, nem por isso, são menos sinceros e expressivos que os de um mestre.

Dou aqui, na integra, o seu cartão, para que "Miss Universo" — si é que ella lê esta pagina — sinta, sob os seus bellos olhos, mais esta prova de admiração á sua illustre personalidade.

Eis o cartão:

"Yves, — Envio-te estes versos, de minha lavra, para que, depois de julgados por ti, sejam publicados no *Fon-Fon*.

MISS UNIVERSO

Dedicado á senhorita Yolanda Pereira

Salve!, formosa creatura!
Gaúcha altiva e sobranceira,
Da neve tens toda brancura
E foste dentre todas a primeira!!

Salve!, conterranea tão bonita!!
Já conquistaste aqui applausos mil!
Encarnas bem a linda gauchita!
Abençoada filha do Brasil!!

Salve! deusa da graça e da bondade
Triumphaste dentre tantas estran- [geiras!
Proclamaram-te a rainha do Uni- [verso

Pela simplicidade e graça de ma- [neiras!
Venho saudar-te neste pobre verso!!
Representante da raça Brasileira!!!

9 - 9 - 930.

Maria Paula

LLUL (Capital) — Como a sua missiva — branca como a sua alma — é portadora de enthusiasticas palavras á minha obscura pessôa, eu me sinto envaidecido com ella. Motivo porque não resisto ao prazer de transcrevel-a para este canto do "Saibam todos"...

Lá vem elogio:

"Yves — Paz e alegria de viver, é o que te desejo.

Não imaginas como esta secção do "Saibam Todos...", do meu predilecto *Fon-Fon*, me encanta!

O teu espirito fino, a tua intelligencia esplendida, dá-lhe um cunho especial, todo fóra do commum.

E's um homem admiravel! Pena que eu seja uma humilde e simples pessôinha que nunca poderá te conhecer, que não gozará nunca o prazer de tua palestra! Resta-me, todavia, a certeza que lerás esta cartinha, (tão despida das bellas phrases que revelam um espirito culto), reservando para essa desconhecida que te admira, um farrapinho de tua bôa-vontade.

Não te aborrecerás commigo, Yves, por tomar o teu precioso tempo, não é? Serás condescendente com uma creaturinha que nunca, a não ser hoje, te importunou?

Permitta-me que eu te expresse a minha admiração pela tua poesia tão bella e sincera que é a "A Primavera". Admiro-a e admiro-te!

Yves, escuta, és muito bom has de ser sempre feliz.

Perdôe a importuna — *Llul*."

O meu poema "A Primavera" saiu com algumas incorrecções. Aproveito o ensejo para fazer a necessaria rectificação, reproduzindo-o na integra:

A PRIMAVERA

Primavera!
Disseste: "A Primavera?
E' a apotheose das estrellas
no céo longinquo, de velludo...
Vamos! Levanta os olhos para [vel-as!"

E eu respondi: "A Primavera?
A Primavera é toda esta poesia...
E' a melancólica alegria
das coisas... No céo, na terra, em [tudo!"

E tu falaste: "A Primavera é o [meu jardim...
E' a vertigem das rosas,
nas alamedas silenciosas...."
E eu retornei: "A Primavera?
E's tu, que és toda aroma, junto [a mim!"
A Primavera se resume
na tua graça,
no teu corpo de lis, no teu per- [fume!...

E a tua voz: "E' o amor feliz, que [passa...
Amor feliz — fumaça!..."
E eu disse então: "A Primavera?
E' o teu corpo de flor
odorante...
E' o teu beijo flamante... fragrante...
Não é
sómente o amor... E' o nosso amor!"

Bastos Porte

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

GRAPHOLOGIA — condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1.º — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo;* 2.º — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual;* 3.º — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica;* 4.º — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON - FON — 18 - 10 - 930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

O REMEDIO... DE BALSAMO CRIVELLI

O Annibal era um homemzinho dos seus sessenta annos, e tinha por occupação fazer lenha no matto e preparar laços para animaezinhos selvagens: lebres, teixugos, fuinhas, doninhas e não sei que mais.

Algumas vezes, mas apenas de dez em dez annos, acontecia-lhe apanhar um arminho; descia, então, ao povoado para vendel-o ao mercado e ganhava com isso uns bons cobres.

Depois ficava na taberna a beber.

Beber era o seu vicio; é impossivel alguem fazer idéa da quantidade de liquido que lhe podia caber na pequena barriga murcha. Parecia incrivel.

— Oh! onde o mettes? — perguntava-lhe o medico da região. — Tu não sabes que o nosso estomago é um grande sacco, mas que não deve ser cheio demais?

— Mas é um sacco elastico — respondia Annibal com o copo levantado e piscando um olho.

— E cuidado — insistia o medico — porque um dia ou outro arrebentas, morto por ahi.

— Assim morro mais depressa, doutor, e deixo de padecer fadigas e aborrecimentos.

— E se — proseguia o medico — em vez de morreres de repente, o mal fôr demorado, atirando-te no fundo de uma cama por mezes e mezes?

— Paciencia! — respondia Annibal — este é o fim que tiveram e que hão de ter os desgraçados como eu: soffrerei o que vier, como pagamento dos meus peccados.

— Não é razão acceitavel — concluiu o doutor.

O medico era joven; estava nos seus trinta e cinco annos; viera para o lugar alpestre por amor ás montanhas e, mais ainda, pela saude que estava embalançada.

Enfermo não era, mas adoentado apenas, de uma debilidade extrema, ainda que se puzesse a passear de montanha em montanha, de bosque em bosque, a escorregar de rocha em rocha, com aquellas pernas muito finas, porque o ar puro das altitudes lhe fazia bem, abrindo-lhe o appetite.

Mas pesava a comida numa balancinha de ouro, e reduzira os alimentos a dois ou tres; cozidos, porem, e esturricados de tal maneira, que nem a uma creança bastariam: e um pouco de verdura, e uns pedacinhos de frueta...

E farto assim (farto é um modo de dizer) não fumava, nem bebia.

Por isso estava sempre magro, pallido e cachetico, e os moradores da região, tostados de sol e robustos, sussurravam, com certos risinhos de compaixão, que elle queria dar em tisico e que, em lugar de andar a curar os outros, deveria curar-se a si mesmo primeiro. Tratava-se, de facto, mas daquelle modo abstinente.

Sem um pouco de festins e alegrias ephemeras, que cousa é a nossa vida?

* * *

Muitas vezes, durante as suas longas caminhadas, sobre este ou aquelle monte, encontrava Annibal, que trazia sempre o bornal a tiracollo, e, no bornal, além do pão negro e pesado, cebollas e raizes de rapionço, o vinho não faltava nunca. Com elle andava por toda a parte numa garrafa. E estalava a lingua, e revirava os olhos, soltando um *ah!* de satisfação quando esvasiava de todo o copo.

Depois se punha a fazer a sesta, a dormitar debaixo de alguma arvore.

E uma vez convidou o doutor, que passara por elle, para ficar em sua companhia, porque, pobresinho, talvez não se sentisse bem, talvez tivesse caminhado demais, e, em lugar de mostrar-se vermelho, côr de purpura, parecia um cadaver de tão pallido; e tinha a respiração curta e a fronte aljofrada de suor.

Acontecia que Annibal estava, justamente nesse momento, depois de uma longa manhã de caçadas collocando sobre a relva o bornal de mantimentos.

Viu o doutor e disse:

— Se quer descansar um pouco...

E olhou-o de esguelha, tão exhausto achou-o, dizendo com os seus botões: — dura pouco.

O doutor respondeu que naquelle dia tinha saltado por cima do almoço.

— Eu — disse Annibal rindo — sou muito velho e não faço falta, e se o senhor permitte..

— Come, come, — falou o medico, — e que Deus te abençoe.

— Abençoa-me de certo. — exclamou o homem; e dentadas se succedevam a dentadas, emquanto o joven, com a mão na cabeça e o cotovello sobre o joelho, olhava-o comer.

Annibal, que parecia ter esvasiado todo o sacco sobre a relva, começou a raspal-o no fundo; Encontrou ainda uma bella fatia de pão negro e duro, um pedaço de presunto, e um dente de alho; e continuou a morder aqui e acolá, ora num alimento, ora noutro.

Fazia inveja e desejos de comer tambem, tanto appetite e tanta alegria mostrava. E o doutor disse:

— Tu não tens dentes, Annibal, e comes desta maneira, e trincas os alimentos como se os tivesse.

— Não trinco, — respondeu Annibal — mastigo com difficuldade e faço saliva, e quando estão os alimentos bem embebidos della, engulo, e o estomago

O REMEDIO...

(Conclusão)

faz o resto; mas, se por acaso, meu doutor, o alimento continua duro, e não amollece nem a pão, faço isto! Eis o que faço!

E tomando a garrafa, levou-a á bocca e bebeu um grande golle.

Com a cabeça para traz, o rosto vermelho, a garganta tumida, parecia que ia rebentar; e, no emtanto, saboreava o liquido com delicia.

— Basta! — exclamou o doutor, pondo-lhe u'a mão sobre o cotovello.

— Eh! eh! — suspirou Annibal, collocando a garrafa na relva. — Isto é manná! E se o senhor tomasse um pouco delle de vez em quando, esta sua côr pallida desappareceria; ficaria vermelho como um morango! Sim! sim! E sentir-se-ia melhor, mais forte...

— Esta manhã, na verdade, sinto-me peor do que de costume.

— Come, come, disse-me justamente o senhor — quer morrer então?

— Tu — falou o doutor — curas todas as tuas miserias comendo e bebendo. E assim fazem os outros, por ignorancia. Come-se e bebe-se muito, meu caro; a sciencia o ensina e a experiencia o demonstra.

— Deve ser verdade — respondeu Annibal com a bocca cheia.

— Do comer e beber muito derivam tantos males, que, se tu os conhecesses, ficarias espantado.

— O que sei — exclamou Annibal, depois de ter servido um outro golle de vinho, — é que do não comer deriva um unico mal, e um mal enorme: o da *morte*. Desculpe-me, mas o senhor parece um cadaver.

E já um outro grande trago de vinho.

— Agora — proseguiu com enfado — acabei tudo, e quanto ao vinho, só tenho a medida de um copo no fundo da garrafa...

— Como vês, — falou o doutor abanando a cabeça — a jornada está ainda na metade e já esvasiaste uma garrafa.

— E outra garrafa — disse rindo o homem será para a noite.

— E crês que te fará bem... — reforçou o medico — e vae dar-te a morte.

— Todos temos que morrer. E, afinal, que mal faz o vinho?

— E's rude, e assim toldado como estás, se eu te explicasse o que me perguntas, não comprehenderias nada. Mas dir-te-ei que especie de cousa é o coração.

— O coração? Sei o que é.

— O coração, guarda isto na memoria, é assim como um folle que se enche e esvasia. Recebe o sangue e o manda embora, depois de tel-o purificado dentro de si.

— Oh! que bellas cousas!

— O sangue corre em certos canaesinhos que são as veias e as arterias. Estas, por exemplo, — e tocou o pulso, o pescoço, a fronte.

— Vá por ahi adiante — disse Annibal — que as comprehendo.

— Comprehenderá, então, que estes canaes são feitos de um tecido: explico-me bem?

— Adiante.

— Este tecido, quando o sangue passa, levanta-se e abaixa-se; em summa, faz o movimento do sangue a correr. Mas o tempo, e, ainda, mais, o alcool, ou antes, este teu vinhito, que engoles a todo momento e que corrompe o sangue, endurece-o, isto é, faz com que o tecido, quando o sangue passa, não se levante mais; perca a elasticidade e rompa-se.

— Espera um pouco...

— E se continuas a beber vinho assim..., comprehendes?

— Mas eu, doutor, bebo-o mesmo; deve-se morrer; quero morrer alegre; expliquei-me bem? Depois, as cousas que acaba de dizer serão ou não verdadeiras?

— Eu t'o disse para teu bem.

— Mas tenho visto como vivem os animaes, meu doutor...

— Os animaes — exclamou o doutor rindo — bebem agua.

— Que assim seja, mas ao menos, comem; e se a gente morre por muito comer, morre tambem por não comer quasi nada.

— Vamos indo — disse o joven levantando-se — que já se vae fazendo tarde.

— Mas não terá forças para chegar lá embaixo, em jejum como está, — falou Annibal.

* * *

E ambos, o doutor adiante e Annibal atraz, tomaram o atalho do bosque, que parecia nunca mais acabar, a passagem era difficil e precisavam saltar de rocha em rocha, de barranco em barranco.

— Ai de mim! — suspirou de repente o doutor deixando-se cahir.

Annibal correu para elle e inclinou-se sobre o seu corpo; estava pallido como um cadaver e parecia desfallecendo. Então Annibal tirou depressa a garrafa do bornal e poz-lhe o gargalo entre os labios, dizendo: "Elle fala que eu quero morrer, que comprehendo, sobretudo o que diz..." mas quem lhe vae derramar na bocca o remedio, sou eu.

E, de facto, derramou-lhe na bocca todo o resto da garrafa, e quedou-se immovel á espera do resultado.

O doutor fez primeiro uma careta, depois lançou uma especie de gemido; começou, em seguida, a mover-se, a abrir os olhos, e, por ultimo, encontrou forças para levantar-se.

— Que pena! — exclamou Annibal — que a garrafa esteja vasia, porque eu a sentiria cantar como uma sereia, e faria um bello dueto com ella...

— Póde dizer-me, meu doutor, que são extravagancias, mas escute: se as receitas que faz são para engordar o boticario, bem, meu senhor, que as continue a fazer e estender sobre o papel; deixe, porém, que os outros se sirvam dellas, porque o bolão que contém a alegria de viver é este, e abençoado seja elle!

E alçou a garrafa, vasia agora, mas que se poderia encher facilmente...

ANNO XXIV

NUMERO 42

SERGIO SILVA, Director

Rio de Janeiro, 18 de Outubro de 1930

Envelhecer por gosto

POUCO a pouco, voltam os cabellos compridos. Os cabellos, as *toilettes*... Na mulher, tudo, presentemente, se alonga. Até as idéas.

As idéas? Por que não? E' força reconhecer: á medida que as saias entram a rastejar, e as cabeças se enfeitam (ou se afeiam?) de coques e de tranças, as aspirações, os projectos, os intuitos femininos se ampliam e se orientam no sentido dos dominios do homem.

Em defesa do seu sexo, allega Gina Lombroso que a mulher não faz senão reagir contra a incursão do homem nos dominios de Eva. (*Honny soit*...)

Dahi a mulher-escripturaria, a amanuense, a diplomada, a ministra... Que sei eu?

Mas não discuto a allegação da notavel escriptora italiana.

O que me impressiona não é essa apropriação indebita do logar que nos está destinado, na luta pela vida: é, sim, a esthetica feminina, a sua graça, os seus encantos, os attributos de seducção que a indumentaria augmenta ou annulla.

Uma dama que ande perto dos trinta — desde que traga uma saia pelos joelhos, e uma cabeça de rapaz, é claro que remoçará dez ou doze annos. Si, porém, se trata de uma adolescente, e esta se dá ao mau gosto de deixar o seu cabello crescer, juntamente com as saias, é evidente que envelhecerá, na razão directa daquelle mesmo espaço de tempo. E, assim, por mais que uma joven pretenda eternizar-se nos dezeseis — como varias "jeunes filles" das minhas relações — o que ella conseguirá, com os seus cabellos á Magdalena, e as suas *toilettes* á Directorio, é tornar-se envelhecida; pelo menos, duplicará a sua idade. Indo buscar lã, sairá tosquiada.

Ha dias, num dos seus ultimos filmes, vi Gloria Swanson com os cabellos compridos. Ora, a grande "estrella" do écran não é absolutamente uma joven. Si, em vez, porém, daquelles cabellos, ella os trouxesse como dantes, teria rejuvenescido dez annos. E não seria coisa do outro mundo que, dos quarenta e cinco restantes, subtrahisse outro tanto.

Trazendo os cabellos e os vestidos curtos, teriamos, sem esforço, uma Gloria Swanson de 45 — com 25 annos apenas...

Bastos Portela

CONSELHO

Antes de accusar o céo de nossos males, convem, sem duvida, procurar por que phases consentidas e quedas desejadas a creatura passou até chegar á sinistra embrulhada que deplora. Seria preciso maldizer os vicios de seus antepassados e suas proprias paixões, que engendraram a maioria das molestias de que se soffre; seria necessario vomitar a civilização que tornou a existencia intoleravel ás almas limpas e não o Senhor, que talvez não nos tenha creado para sermos metralhados em tempo de guerra, para sermos explorados, roubados, pilhados em tem de paz pelos negreiros do commercio e pelos bandidos dos bancos.

HUYSMANS.

A sociedade allemã desta capital offereceu, na séde do Club Germania, um lauto banquete á officialidade do cruzador «Karlsruhe», que se encontra, em viagem de instrucção, ancorado no porto desta capital. Após o ágape, teve logar um sumptuoso baile, em que tomaram parte os homenageados e a «élite» carioca.

Seus olhos

De Conchita Cid

EU gosto dos seus olhos moleques.

Porque elles me dão a impressão dessas crianças maltrapilhas e batidas, que sabem nomes feios e coisas apavorantes.

Dessas crianças que são infantis até á sinceridade.

E' por isso que, quando você mente, eu olho os seus olhos.

Imagem fiel do pensamento, elles me respondem: "E' mentira!..."

E' por isso que eu olho para você quando me fala do seu amor.

Olhar esquisito, que o incommoda sobremodo: "Por que me olha assim?"

Os seus olhos, meu amigo, os seus olhos côr de canella, no seu silencio, são os grandes traidores da sua vida.

Os grandes reveladores da sua alma de estheta e fantasista.

Os grandes indiscretos que muita mulher bonita desejou...

Quasi magneticos, elles prendem, seduzem, asphixiam... e acariciam tambem... de um modo differente dos outros olhos...

Seus olhos côr de canella... de ferrugem... Macios... risonhos...

Elles impõem a sua figura morena.

São elles ainda que o apresentam, ao invés das phrases estudadas que você talvez esteja farto de repetir á entrada dos salões.

São elles que falam da sua superioridade...

Quando elles pousam, melancolicamente tristes, em qualquer objecto distante, invisivel, eu me torno carinhosa, boa... Porque sei que você soffre...

As ironias de que você se utiliza então, para disfarçar a sua dôr, não fazem mais que convencer da verdade que illumina os seus olhos pardos.

Você sabe que eu gosto delles.

E, como é doentiamente vaidoso da sua pessoa, você, sorrindo ao espelho da sua perfumada garçonnière, perguntará:

— Espelhinho, espelhinho, existirão, por acaso, olhos mais bellos do que os meus?

Mas, meu amor, é preciso que você não gaste o dominio dos seus olhos na luz de todos os olhos bonitos que se lhe depararem...

E' preciso que você os guarde para mim, só para mim...

Porque, nos olhos das outras pequenas, achará tanta mentira, tanta, que o inevitavel se operará: o forte dominará o fraco, ou: a quantidade absorverá a qualidade.

E os seus olhos, de originalidade encantadora, passarão a reflectir outra vida que não a sua.

Deixarão de ser interessantes para ser communs.

E quando, desesperado, você perceber que os meus olhos de amendoa já não se extasiam nos seus, perguntará ao espelho implacavel:

— Espelhinho, espelhinho, haverá, por acaso, olhos mais bellos do que os meus?

Ao que elle responderá:

— Ha, sim.

E você verá apenas os olhos cheios de mediocridade das melindrosas idiotas, que clamarão, bem alto, a morte dos seus olhos côr de canella...

Que são o meu encanto...

O delirio da minha vida simples...

A nossa gravura focaliza um aspecto expressivo do baile offerecido aos officiaes allemães do «Karlsruhe», que ora nos visita. Nelle se vêem ainda as figuras da nossa alta sociedade que deram realce á linda festa.

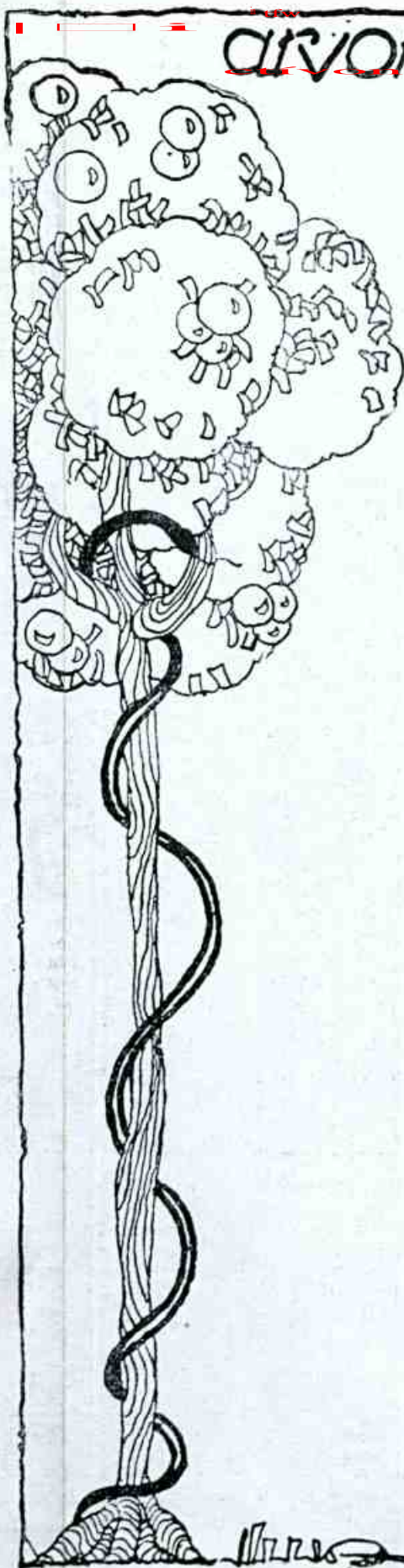
Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

A alma nacional

PATRIMONIO glorioso nosso, conquistado e mantido pela tenacidade de nossos avós. Um intercambio de esforços e de mutua comprehensão reúne as populações, vencendo as distancias enormes em que fôram semeadas pela incoherencia dos primeiros estabelecimentos coloniaes, junge aos mesmos ideaes, colliga pelo mesmo anseio de progresso e melhoria, allia pela mesma dôr os homens nascidos em climas diversos. O cearense estaqueia com suas ossadas os igarapés e os pantanos da Amazonia. Nos resequidos e soalheiros sertões nordestinos, os vaqueiros, tangendo o resistente gado barroso e alemtejano, povôam o sertão lenta e teimosamente. De Pernambuco á Bahia, a união das tres raças expulsa a avidez dos mercadores da Zeelandia e do Texel. A expansão brutal e fecunda dos heroes das entradas, das monções e das bandeiras assenta os marcos de fronteiras immensas e recúa os meridianos traçados pelo gesto dos papas com assentimento dos reis. Foi a fogo e a sangue até ás reducções do Guayra, ás missões do Uruguay e do Paraguay, dilatando o nosso territorio em demanda dos chacos sulinos e dos altiplanos da Bolivia. E os centauros gaúchos riscam com as pontas das lanças invictas os lindes meridionaes.

Uma evolução politica sem graves saltos, sem sangueiras crueis, sem anarchias isolantes trouxe-nos de colonia a reino, de reino a imperio, de imperio a republica, sem regionalismos irritantes, sob o pallio da mesma lingua, da mesma religião e do mesmo regimen. E as lutas separatistas fôram sempre vencidas.

E' essa a alma nacional. Ella ha de salvar o paiz. A' sua sombra, o Brasil é um só e será sempre um só: Brasil-raça, Brasil-nação, Brasil-religião, Brasil-humanidade.

Faianças

Escrever...

Sim, é necessario escrever. Mas o escrever é uma funcção do espirito, que só se exerce, nos intellectuaes, quando ha emoção. Sem emoção, sem uma certa dose de lyrismo, não é possivel produzir uma nota que impressione o leitor.

Ora, eu hoje estou assim como se diz — com a alma vazia.

Inutilmente, tento escrever um trecho qualquer, onde palpite, como uma borboleta, presa por um estylete de ouro, um pouco da minha alma...

E' que, quando a alma soffre, não é possivel reunir idéas.

Ou antes, ellas surgem, mas desapparecem, esfumam-se, na imaginação, como miragens no deserto, toda vez que tentamos apanhal-as...

Decididamente, não consigo hoje traçar a nota que desejo.

Sim, porque a nota que eu desejava escrever deveria começar com um introito como este: "Meu amor... Entardece. E emquanto a luz se apaga, na sombra violeta do crepusculo, eu penso em ti, penso nos teus olhos, na tua bocca, na tua cabeça formosa, intelligente e vivace... E digo: penso na tua cabeça, porque, nesta hora de saudade, eu a vejo, na imaginação, illuminada pelo halo dourado da lampada, sob a séda do "abat-jour" côr de rosa, que pousa na mesa da tua cabeceira..."

Depois, viria o capitulo da minha dôr, da minha melancolia sem termo, longe dos teus olhos, da tua cabeça, illuminada pelo fulgor dourado do *abat-jour*...

Nunca, porém, estou certo, eu diria, sinceramente, a minha grande emoção...

Sim; agora sinto que já tenho emoção. O que não sei é dizel-a, é contal-a com esse requinte das pennas ageis, das pennas ardentes e vibrantes.

Inutil emoção! Inutil desejo de escrever!

Afinal, que hei de pôr nesta nota? Um pouco de poesia? Certamente, é o que me parece mais acertado...

Oh, a poesia é sempre um pouco de doçura que se derrama sobre as anfractuosidades da vida...

O mon amour aimé, si tu pouvais comprendre
Que je cherche l'amour et non la volupté,
Que c'est ton ame enfin que j'aime en ta beauté!

Amiguinhas do coração...

A um violino que chora...

Todas as noites, aquelle violino plangente, que chora como uma creança, ao fim da minha rua deserta, embala docemente o meu somno.

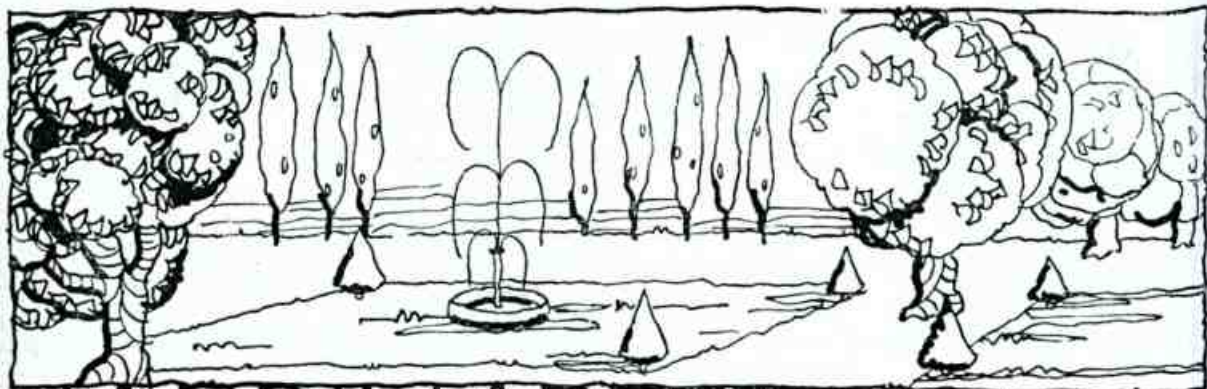
Os motivos que gemem nas suas cordas doloridas são os mesmos que constituem o enredo da minha vida sentimental: "rêveries" sonatas, canções, romanças, balladas, nocturnos...

Sim; a vida de meu coração é feita desses motivos de arte e de amor.

No fim, porém, ha uma nota pungente, que eu poderia chamar — um *de profundis*...

Por isso, eu adoro aquelle violino que chora todas as noites, por traz das *guipures* daquelle *bungalow*, rodeado de verbenas e geranios.

Mas ah! Tu, artista gentil, cujos dedos arrancam esses enredos á melancolia do teu divino instrumento, não cantes nunca a *Marcha nupcial*, porque tu me recordarias o sonho que se desfez, o sonho que encheu de esplendor o sombrio vacuo da minha vida...

Canta a *Rêverie* de Schumann, o *Je t'aime* de Grieg, a *Marcha funebre* de Chopin... *La donna è mobile*... *A damnação de Fausto*... Nunca a *Marcha nupcial*... Violino, canta baixinho... Canta em surdina... Canta! E eu te ouvirei chorando... — Yves

JARDIM ABERTO, D. Jayme

O ESPIRITO BRASILEIRO

O espirito brasileiro é mais velho do que a independencia. Elle alvoreceu mais cedo nas nossas terras do que em qualquer outra região das Americas. Nossa emancipação politica, verdadeiro corollario juridico da constituição do Brasil-Reino, veiu talvez mais tarde do que a dos outros paizes; para o sentimento nacional datava de longe e já existia antes dessa emancipação.

Pela extensa costa a fóra, desde o seculo inicial da colonização, os primeiros brasileiros aprenderam a coordenar esforços contra os intrusos que se interpunham entre as indecisas e vastas capitanias. Em 1560, a gente da Bahia vem com Mem de Sá expulsar os francezes da Guanabara e correm em seu auxilio os habitantes de S. Vicente com o padre Nobrega. Por terra, á frente de alguns dos colonizadores da Parahyba, Pero Coelho atravessa as praias cearenses em demanda dos francezes do Maranhão; e, por mar, Jeronymo de Albuquerque leva as tropas de Pernambuco para expulsal-o do Maranhão. Valentim de Barros transporta-se de S. Paulo a Pernambuco com seus indios frecheiros e seus escopeteiros mamelucos, a guerrear os flamengos e retorna capitão de infantaria.

Um poderoso espirito de aventura crêa a era formidavel das bandeiras, em que o reinol barbaramente se confunde, no mesmo anseio de conquista, com o bandeirante nacional, tanto que a designação de mamelucos e de paulistas os plasma sob o mesmo titulo. E' é o impulso brasileiro abandonado do auxilio metropolitano, quem dilata as fronteiras, povôa a terra e descobre as riquezas em todas as direcções.

O professor Garfield de Almeida, docente de clinica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e medico dos hospitaes de doenças contagiosas da Saude Publica, é, não só um scientista de largo e justificado conceito, mas tambem apreciado escriptor. Seu ultimo livro, intitulado — «Molestias infecciosas» — recentemente publicado, acaba de marcar mais um successo na nossa bibliographia scientifica, em cujo indice tem logar de relevo o nome do professor Garfield de Almeida.

E' esse sentimento brasileiro mais alto e assombroso se amostra na magnifica epopéa da guerra hollandeza. Quasi abandonados pela avara Espanha dos Philippes, que o ouro do Mexico e do Perú, a prata de Potosi e o assucar de Cuba preoccupavam, que as questões politicas européas cegavam, os habitantes das então mais ricas capitanias do Brasil resolvem de motu proprio e com seus recursos locaes expulsar o invasor flamengo. Nessa luta gigantesca, é que se erege o primeiro symbolo nacional na união das raças aqui todas na mesma terra: lusos de Barreto e Fernandes Vieira, brasileiros brancos de Vidal de Negreiros, indios de Camarão, negros de Henrique Dias.

Desajudados e desapprovados mais tarde pelo proprio rei de Portugal, contra a sua vontade como contra a Hollanda, elles proseguem a batalha e as victorias dos Guararapes fundam, póde-se dizer, o primeiro Brasil dos brasileiros.

Canção Abafada

Neste dia baço, de chuva garoante, de céo sombrio,
Estou pensando nos poetas pobres, cheios de fome e sonhando [a gloria...
Nos passarinhos que vão cahindo pelas estradas, mortos de [frio..

Nos enfermos esquecidos que o tempo espiam, da clausura
Dos hospitaes, com a saudade da saúde e do movimento...
E uma séde recondita e lacerante de ternura...

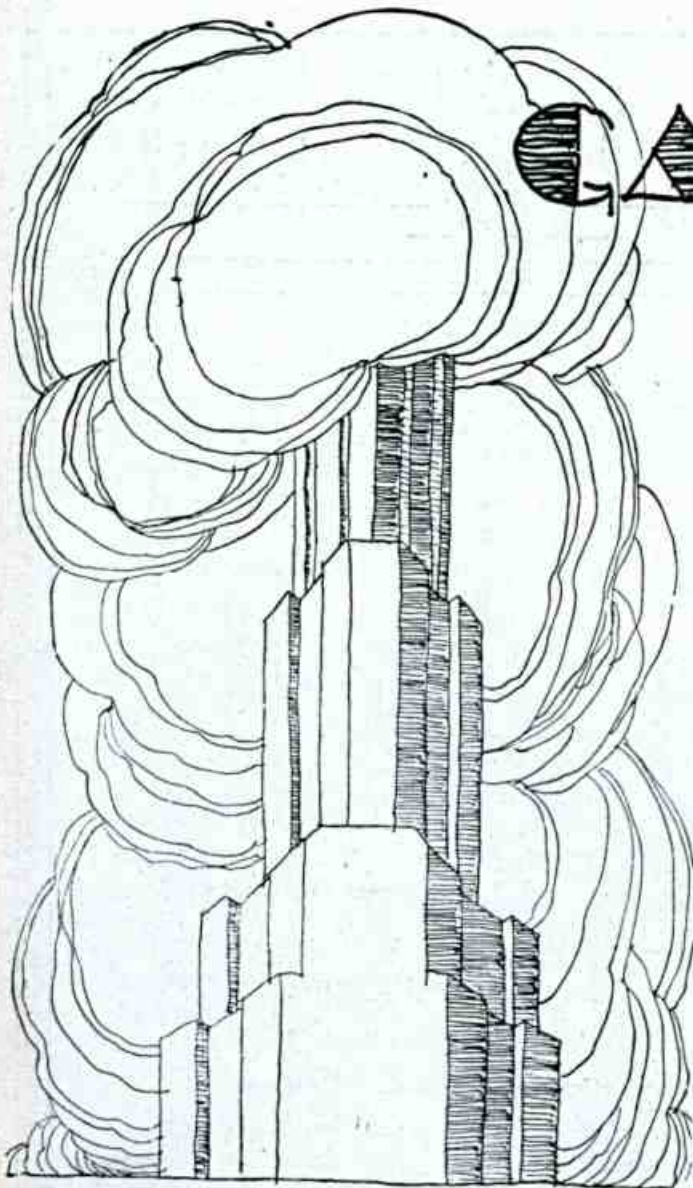
Nos que tudo soffrem e esperam talvez um sorriso do destino.
Nos que amargaram pouco, mas desistiram de toda a lucta..
Estou pensando nas mães que tiveram um filho pequenino..

Como um collar que se desfia, a chuva cobre as arvores da [estrada.
O frio suggere a bôa caricia de um aconchego:
Num seio morno, preferido, a cabeça abandonada...

A sensação dos dedos friorentos, hirtos, tacteando
A quentura velludosa de um corpo dilecto, onde se es- [queceram.
E, aquecidos, sobem, numa posse lenta, se deliciando..

Oh! as tardes de inverno, de uma envolvente penumbra, de [encante
Tão doce, que pede mudos abraços, amor sem gemidos...
A noite e um sussurro de vozes felizes, em acalanto...

Oh! as tardes de solidão, chuva monotona — poeira gelada —
Em que se tem desejo de sorrir o sorriso mais triste,
E calar a palavra mais dolorosa, nunca balbuciada...

Oliveira e Silva

GARÔA.

Si a distancia curasse o mal do amor, as collisões no mar seriam mais frequentes.

•

Ninguem é completamente inutil. No emtanto, não ha maior utopia que julgar que se faz falta a alguem.

•

A gente não vê a alma de ninguem.
Mas, nas minimas attitudes, ella se revela.

•

Si não houvesse o amor, a mulher o inventaria.

•

A felicidade não existe, mas exitem imitações muito perfeitas.

•

Nunca o homem ama tanto, como quando não é correspondido. E' por isso que são tão raros os amantes felizes.

•

A gloria embriaga, mas não mata a sêde.

•

Só quem muito soffreu comprehende a volupia de estar longe.

•

Na maior parte das vezes, o desprezo não é mais que um odio disfarçado.

•

E' nos pequeninos actos da vida que se conhece a superioridade de alguem.

•

A ironia é um caustico num frasco de perfume.

•

A hypocrisia é uma garra calçada com luvas de pellica.

•

O verdadeiro egoista não reparte nada com outrem; nem mesmo a sua dôr.

COISAS que o vento leva... A realidade, mesmo sendo bella, tem qualquer coisa de cruel.

•

O prestigio é quasi sempre uma algema, que só machuca depois de rebentada.

•

Em amor, aquelle que mais dá, é sempre o que mais necessita.

•

A vida é um eterno dizer adeus. E' tão triste! Porem mais triste é partir sem ter a quem dizer adeus.

•

Angustia nem sempre quer dizer ausencia. Ausencia sempre quer dizer angustia.

Ha em todo o optimista uma dóse de ingenuidade. E tambem de bondade.

•

Estar longe é convencer-se o pouco que se vale.

•

Um dos maiores factores da felicidade humana é a fé. Em Deus ou em alguem que conhecemos.

•

As mulheres mentem para ser acreditadas.

•

A verdade é a sombra que o homem, ás vezes, procura.
A mentira é a luz que sempre o fascina e prende.

COLOMBINA.

A Mulher Chic

Costume de lã preto e branco
blusa de crepe da China
Jean Patou
Especial para "Fon-Fon"

Baton & Rouge

O publicista hespanhol José de Alarcon Fernandez, correspondente de «La Nación», de Madrid, que acaba de regressar duma «tournée» de propaganda cultural no norte do Brasil, coroada do melhor exito. A FON-FON dirigiu o jornalista ibero estas gentis palavras: «A la muy brillante revista brasileña FON-FON, cuyo sonido simbolico y de victoria lleva su eco a olímpicas regiones: tal es el grado de cultura que como semilla espiritual disemina por doquiera».

— Meu caro senhor, já que nós — as mulheres — somos, agora, o assumpto, aliás sempre interessante, da palestra, permitta-me uma pergunta, ou, melhor, duas perguntas...

— Oh! minha senhora, aguardo, com encanto e desvanecimento, que as formule.

Um silencio, pontilhado de interrogações, envolveu, de súbito, o ambiente do lindo e elegante salão, onde o casal Augusto Vieira reunira algumas pessoas de seu largo e distincto circulo de relações.

Que iria perguntar a encantadora figurinha de biscuit, que assim falara, e que, até alli, sempre se conservara calada, a ouvir, attenta, o que se dizia?

— Clara!?... — disse-lhe uma senhora, em tom de advertencia.

— Que é, mamãe? Nada receies. Desejo conhecer a opinião dos homens a nosso respeito. E...

— E... que vaes perguntar? Que queres saber? Acho-te muito criança ainda para quereres tratar de coisas que não comprehendes...

— Que vão comprehendo!! Ora, mãesinha, hoje em dia, que é que não comprehende uma moça moderna?

— Menina, acho melhor que te cales.

— Não. Não. Fale, senhorita, murmuraram varias vozes.

— Bem, vou fazer a minha pergunta: Primeiro, desejava saber qual o melhor encanto da mulher, na sua opinião.

— E' simples a resposta: a da seducção.

— E o maior "desencanto"?

— Ah! o fastio...

— O fastio? Não comprehendo.

— Sim, senhorita. A mulher possue a arte, o segredo de seduzir, mas não encontrou ainda, entre os seus múltiplos artifícios e ardis, um meio de não se "desencantar" logo perante o homem, tornando-se, então, fastidiosa...

— Quer dizer que o homem logo aborrece a mulher, mesmo quando a ama...

— Mesmo quando a ama, e, talvez, mais facilmente quando a ama.

— Mas, por que, não me dirá?

— Porque toda mulher acaba "cançando", "esgotando" o amor do homem, pelo fastio, pela monotona repetição da mesma alma, dos mesmos gestos, dos meus artificios, todos os dias...

— E o homem? A mulher, naturalmente, delle tambem se enfastiará...

— Não, senhorita. O homem, sempre que entra em casa, traz a alma differente da com que sahiu...

— Ora, o senhor está fazendo blague!

— De modo algum...

— Então, em poucas palavras, quer dizer que a mulher enfastia pela monotonia das attitudes, pela sua alma de gaita, sempre a repetir a mesma musica?

— Mais ou menos...

— E, porque, antes, quando namorados ou noivos, os senhores gostam tanto dessa musica, que, em casa, tanto se torna monotona?

— Uma questão de trivial, senhorita...

— Ah! Uma questão de cominho, de prato de todo o dia, sem variações!

— Clara?!

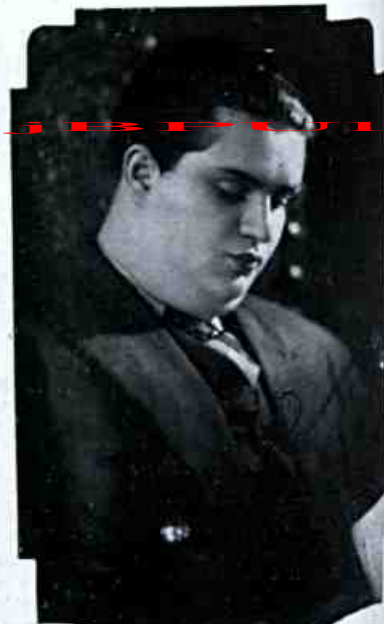
— Que é, mãesinha? Por que estão todos a rir? Disse alguma coisa demais?

— Não, nada!

— Pois é... O senhor talvez tenha razão... Agora, já sei como me orientar para não "enfastiar" quem for meu marido.

— Que queres dizer, Clara?

— Ora, mamãe, uma coisa bem simples: vou aprender a variar para não enfastiar...

— Menina! Não reparem. E' uma creança que não sabe o que diz — observou, sem já conter o riso, a mãe da linda loirinha de 16 annos. — Fragonard.

Zacharias Rego Monteiro, dizendo versos, em homenagem a Maria Sabina, no salão do Club dos Advogados, revelou-se um artista que se vem filiar ao pequeno grupo de bons declamadores que possuimos, entre os quaes se destaca a homenageada. Rego Monteiro, dotado, como é, de excellentes qualidades declamatorias, só podia agradar, como realmente agradou ao fino e elegante auditorio que o applaudiu.

Inaugurou-se sabbado ultimo, no Palacio das Festas, a Feira de Amostras de Productos Portuguezes, á qual concorre elevado numero de firmas industriaes de Portugal. A abertura do importante certamen foi uma solennidade que se revestiu de grande brilhantismo, tendo a presença do sr. embaixador Duarte Leite e outras altas personalidades da colonia portugueza desta capital, além dos representantes das autoridades brasileiras, do commercio carioca e das nossas classes industriaes. Uma vez inaugurada a Feira, os convidados visitaram todas as dependencias do Palacio das Festas onde se acham expostos os productos que alli figuram. As nossas photographias fixam tres detalhes dessa cerimonia, vendo-se no medalhão o embaixador Duarte Leite examinando as pratas portuguezas em exposição na Feira de Amostras do Palacio das Festas.

Balcão Florido

SOB A GARÔA DA MINHA SAUDADE...

ADEUS... adeus...

Nem sei bem por que te disse adeus, ainda um dia destes. Um dia em que a inquietação verde-esperança de meus olhos verdes, de subito, sem que eu sequer o pudesse adivinhar, se cobriu de garôa, tocada de uma profunda, inexplicavel nostalgia.

Por que?

Sabe-se lá, ás vezes, porque se diz adeus a alguem!

O adeus tornou-se tão banal, já... Tão banal — elle, que é tão intenso e profundamente triste e doloroso!

A cortina de cinza do crepusculo desce sobre a terra. As coisas tocam-se de mysterio. E minha alma e meu coração enchem-se de afflicção, de inquietude.

Por que?

Adeus... Dizer adeus a alguem é uma coisa tão banal na vida!

As borboletas do meu balcão em flor já não passeiam, deante de meus olhos deslumbrados, a graça festiva das suas azas polychromas, em constante alvoroço. Recolhem-se, quietas, e, quietas, perderam-se no lusco-fusco da noite, que desce, cheia de sombras, de duvidas, de grandes silencios e silenciosos soffrimentos.

Adeus...

Mlle. Carolina Barbosa, figura da sociedade carioca, é, como se vê, uma creaturinha interessante. Por motivo do seu natalicio, mlle. Carolina offereceu, ha dias, uma recepção ás suas amiguinhas.

Nossas almas são bem um "continuo amor e um continuo adeus"...

E' coisa tão banal um adeus, na vida, que sempre foi toda feita de adeuses, de palavras de saudade e gestos angustiados de despedida — de boccas ansiosas que se descollam, de mãos tremulas que se desenlaçam...

A noite desce... Desce... As sombras envolventes do tempo e as da angustia em que me debato, as da minha melancolia dão-se as mãos para, torturando-me, sorrir de mim, que, num adeus — uma palavra tão simples e banal, na vida — perdi minha alma, vagabunda, tonta de sol, tomada da vertigem em fogo dos desertos aridos e combustos, mas cheios de paz, de solidão, e do deslumbramento verde das miragens feitiças, fugaces, illusorias, porém generosas e agazalhadoras como um oasis de fé, um refugio de consolação, ou a gota dagua fresca da fonte, que se colhe e sorve na concha da mão.

Adeus...

E eu te disse — adeus quando, ainda exhausto, a bater a poeira da minha ultima peregrinação pelos solitarios desertos longos da vida, sorria para a linda e carinhosa miragem com que, um dia, me acenaste, de longe, e com que, depois, encheste de fascinação e deslumbramento a "terra onde minhas rosas florescem"...

Eras, porém, mulher e, tambem, miragem que se desfaz...

E foste desapparecendo, a pouco e pouco, emquanto meus olhos, habituados ao esplendor da miragem verde com que os deslumbraste, de novo se descerravam cheios de angustia, para a dolorosa perspectiva dos desertos aridos da minha vida de só, onde já não repontavam os oasis da esperança, nem floriam rosas, e nem mais se esbatia, lá, ao longe, atravez da garôa, a suave e consoladora illusão das miragens feitiças...

HELIANTHO.

PSALMO TRANSFIGURADO

XII

RESURREIÇÃO

Tu, que estás á margem da Vida, dize: por que fechas os olhos para o espelho da linfa, quando a imagem que elle reflecte é a tua propria imagem?

Dize ainda: por que, deante do teu proprio espelho, abres os olhos, si a imagem que elle reflecte não é a tua imagem?

1 — Era um grande tronco nú, perdido na curva do caminho.

2 — Por sobre elle as estações haviam passado, como passam numa vida de homem todas as experiencias.

3 — E elle não florira jamais nem sobre a terra amorosa e fecunda vergara os galhos pejados de frutos.

4 — Ao crepusculo, quando o sol erguia castellos de ouro no horizonte, projectava sobre a poeira do caminho um estranho desenho de angulos partidos e a sua sombra era, na luminosa quietação da tarde, um silencio mais quieto e mais profundo.

5 — Azas de primavera passavam em revoada pelo azul... Céos de verão acordavam a vida na placidez bucolica dos valles... Perspectivas de outomno desdobravam horizontes irreaes na esquecida dormencia das paizagens... Noites de inverno, limpidas e glaciaes, incendiavam-se de astros...

6 — E as estações rolavam, como numa vida de homem todas as experiencias, e o tronco nú não floria nunca, nunca mais.

7 — Perdera-se-lhe o sentido da vida na total incompletação de si mesmo, e o ultimo vendaval que passou levou-lhe a ultima esperança.

8 — Mas na sua renuncia não havia amargura... Uma indefinida saudade de si mesmo, como a daquelles que esperam as coisas boas desta vida, sabendo que ellas nunca vêm...

9 — E na penumbra crepuscular era mais espectral a sua sombra e a sua postura mais immovel, como si elle fosse, na sua fôrma anniquilada e morta, o silencio total do mundo.

10 — Um dia, Alguem que vinha de muito longe, com as sandalias rotas e o coração em sangue, encostou-se exhausto ao pobre tronco morto e sobre as suas raizes resequidas chorou duas lagrimas virginaes.

11 — E subitamente o pobre tronco reverdeceu e floriu e ergueu para o ar azul a fronde farfalhante, toda estrellada de ouro, e as raizes procuraram soffregamente a terra maternal.

12 — E as montanhas debruçaram-se sobre o valle, num profundo assombro, e as aves calaram-se deante do milagre.

13 — E Alguem partiu, levando na alma mais conforto e estrellas de ouro no cabello e um raio de esperança nos olhos que já não choravam.

14 — Quando o seu vulto se perdeu na curva extrema do caminho, vinha cahindo a noite pardacenta e triste como uma litania...

15 — E elle ficou erecto e forte na estrada sinuosa, murmurando na noite uma saudade infinita — por esse Alguem, que um dia talvez houvesse de voltar, para que elle pudesse fructificar um dia.

PAULO WERNECK

HENRIQUE ABILIO

O professor Dardo Regules, da Universidade do Uruguay, presentemente nesta capital, realizou, sabbado ultimo, na séde da Associação Brasileira de Educação, uma conferencia sobre a organização do ensino superior em seu paiz, estudando especialmente o problema da autonomia universitária e outros aspectos interessantes da momentosa questão. Presidiu a reunião o eminente professor Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino e presidente da Academia Brasileira de Letras, fazendo a apresentação do conferencista o professor Cicero Peregrino, reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Na photographia acima apparecem, além do professor Dardo Regules, os drs. Aloysio de Castro, Cicero Peregrino e Fernando de Magalhães.

FILIGRANAS

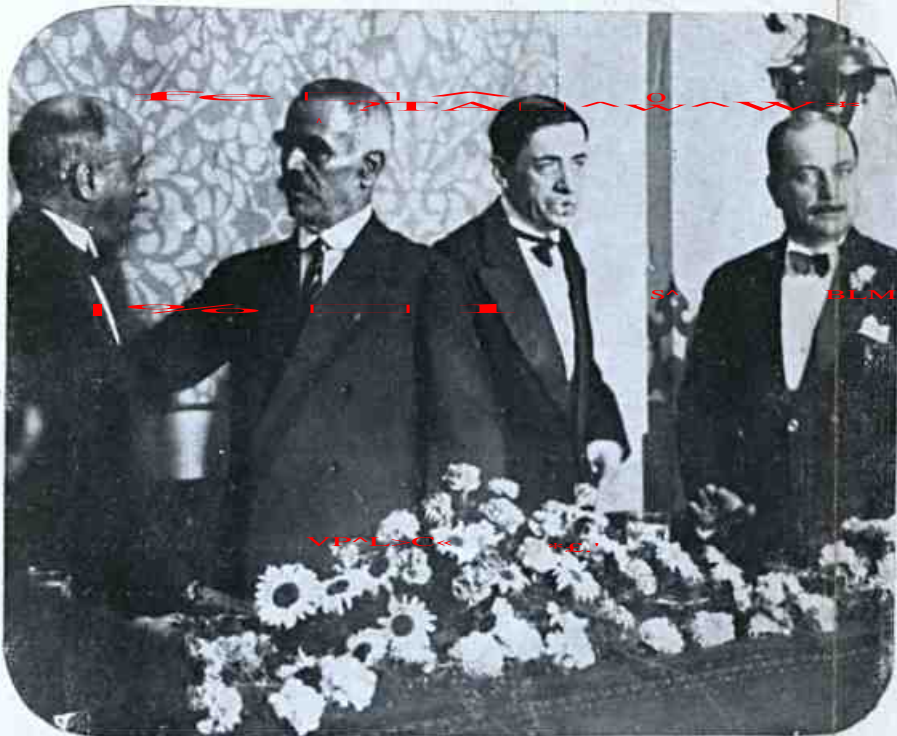
Em Ezechiel, o tragico revelador da Biblia, ha esta passagem visionaria: "Uma dextra foi essa enviada. Ella segurava um rolo, que era um livro. A voz me disse: come esse rolo. Abri a bocca e comi o livro. E o seu gosto, na minha bocca, foi doce como o mel."

Não conheço symbolo maior da integração da sciencia no homem do que essa visão do homem devorando um livro. E, depois, o sabor de mel que o mesmo livro deixa no paladar do homem completa, de modo definitivo, a significação do trecho biblico.

Entretanto, infelizmente, ha livros que nos nossos labios deixam o gosto amargo do veneno...

FILIGRANAS

Dizem que Pythagoras conhecia todas as suas reincarnações anteriores a seu nascimento. Contam que elle affirmava ter sido Tethalide, filho de Mercurio; depois, o troyano Euphorbio que Menelau feriu no cerco de Ilion; depois, Hermotimo; depois, a corteza Alcé; depois, Pyrrho, pescador em Delos; emfim, Pythagoras.

Assim, discorria entre seus discipulos o maior de todos os mathematicos e o mais mysterioso de todos os philosophos, o pae das sciencias denominadas exactas, o autor da taboa de multiplicação e do quadrado da hypothenusa. Teremos nós o direito de duvidar de tão eminente palavra? Por que haveria de inventar uma patranha quem era a severidade em pessôa e tudo no universo reduzia a numeros?

Domingo passado, realizou-se na séde da Sociedade Hespanhola uma cerimonia para commemorar o «dia da raça» e a gloria de Colombo, cuja figura foi evocada por varios oradores. A presente gravura focaliza um aspecto dessa commemoração, vendo-se a mesa que a presidiu e, nella, o grande poeta hespanhol Francisco Villaespesa.

O Campeonato Carioca de Football

Na tarde de domingo ultimo, realizou-se o encontro do Botafogo e do America Football Club, no campo da rua General Severiano. Nessa peleja, onde se mediram as forças dos dois valorosos clubs, coube a victoria ao Botafogo. São detalhes empolgantes dessa luta que fixamos nesta pagina, e por onde se pode admirar a technica das duas entidades sportivas.

TREPIDAÇÕES

FOI uma scena commovente, puxada a lagrimas, com promessas de volta para breve.

Ella, debruçada no parapeito da janella, escandalizou a rua do bairro poeirento, ao tempo que o guapo official esticava o pescoço para ficar ao alcance dos labios da amada.

Os vizinhos ficaram boquiabertos, pois nunca imaginaram que *madame*, uma creatura de ar pacato, cultivasse o *sport* de um amor clandestino.

Madame possúe um excellente marido, morigerado, typo do *amigo da familia*, e não tinha o direito de o expôr ao ridiculo publico.

O menino Fernandinho, filho do casal Fernando de los Rios-d. Lourdes Braga de los Rios.

(Photo De los Rios)

Pois *madame* adora a farda, botas e esporas, muito embora tenha o genio menos bellicoso deste mundo.

Ninguem desconfiava das predilecções de *madame*, e a descoberta fez successo na vizinhança.

Agora, resta saber si o militar, de volta ao Rio, vae manter o sonho de *madame*...

NA tarde triste do domingo, a garotinha morena e petulante entendeu de chamar o medico moço para vêl-a em casa. Estava enferma, de um mal não positivado, que exigia assistencia medica, disse a garota, pelo telephone. O medico não esperou pelo segundo chamado e correu á casa da morena petulante, certo de encontral-a acamada.

Qual não foi, porém, a sua surpresa, quando ella propria veiu abrir a porta, para recebel-o com um sorriso lindo, revelador de optima saúde...

O clinico teve impetos de voltar da porta; entretanto, passado o primeiro instante de hesitação, resolveu enfrentar a situação para inteirar-se do desejo da morena de grandes olhos negros.

Fingindo nada perceber do que se passava ao redor da sua pessôa, o clinico indagou dos padecimentos da doente.

Ella esboçou um luminoso sorriso e confessou, sem rebuços, que já se encontrava perfeitamente curada, provocando da parte do medico o gesto muito natural de immediata retirada.

Não quiz, entretanto, a cliente consentir na partida do moço medico, sem se fazer auscultar.

E, aproveitando, no momento em que o ouvido do clinico passeava bem junto ao seu coração, reteve com as mãos a cabeça do rapaz, offerecendo-lhe, em seguida, os labios para um beijo...

O medico, assustado, percebendo no gesto a manifestação de um caso de hysterismo, com habilidade arranjou meios e modos de encontrar a porta de sahida, ganhando a rua.

Depois deste estranho episodio, a morena petulante atreveu-se a um segundo chamado, mas, sem resultado.

Eis a razão por que a morena de grandes olhos negros, ironicamente, diz agora, ás suas amigas que o medico moço é especialista em molestias de crianças...

Que topête!

O illustre burocrata graduado parece ter descoberto a *dama divina*, depois que a dactylographa teve ingresso na sua repartição.

O homem que recebia as partes interessadas nos papeis que transitam pelas suas mãos, sempre de cara *amarrada*, parece até ter melhorado de genio...

Agora já tem um sorriso amavel para o publico e dá trabalho ao alfaiate, apparecendo com ternos *alinhados*.

Influencia da *dama divina*!

Dizem que sim...

E, si o illustre burocrata continuar animado, achando bôa a vidóca ao lado da divina dama, breve será inaugurado na repartição o chá com torradas, pois é só o que está faltando, no entender dos serventes, para maior regalo da dactylographa...

CADA louco tem a sua mania, é bem certo.

O nosso heróe, por exemplo, deu para adquirir livros francezes, organizando uma regular bibliotheca.

Por sua vez, faz o emprestimo dos livros ás damas das suas relações pessoaes, e estas ficam suppondo que o rapaz possúe um vasto conhecimento da literatura franceza.

Acontece, porem, que, quando os

Carlos Alberto, filho do casal Togo Pereira-d. Maria José B. Pereira.

(Photo De los Rios)

livros são restituidos, o rapaz foge de collaborar em qualquer commentario traduzindo a impressão de leitura.

Esse facto tem despertado a malicia alheia, pois realmente é estranha a attitude do colleccionador de livros francezes.

A malicia tem a sua razão de ser...

O rapaz é um grande ignorante da lingua franceza, e mal conhece a nossa lingua.

Mas, quer passar por moço *sabido*.

Elle pensa que o processo é original, e, si não penetrar um dia no Petit Trianon, ganhará na certa o reino do céo...

A Entrevista...

De Carlos Rubens

NA tarde que se banhava no ouro pallido do sol, ao hymno verde dos ramos que as arvores da Avenida animavam, elle achou-se na "terrasse" do bar, ao lado daquella creatura que não vira nunca. Bonita. De preto. Sobresaindo do negror luctual das vestes o rosto branco que os olhos limpidos e castos jovialmente enchiam de uma fascinadora expressão jubilosa, contrastando com a melancolia que a emburelava.

Deante do "coktail" que elle mandára vir e do "ice-cream" que ella olhava displicentemente, por que haveriam de ficar estranhos?

Elle teve a idéa de uma entrevista. Como as que fazia para o seu jornal. Ao ar pleno. Falou-lhe. Mostrou a tarde no desmaio voluptuoso da côr, citou a "première" da Companhia Ramsés dali a horas, no Municipal, falou do ultimo facto politico, do ultimo chá mundano e do amor...

Ella teve, então, um suspiro. Longo. Profundo. Intimo. Cobriu-o com o manto claro do olhar lucido.

— Eu sou uma creatura-romance, 1830. Animo uma tragédia sem fim. Eu não sou eu. O mundo é para mim uma coisa subjectiva. O mundo real que eu sinto é a minha Dor, a minha alegria é a minha Dor, a minha fé é a minha Dor. Eu sou a dor da Dor. Um arcabouço, como um universo, enclausurando uma existencia, que ainda é a Dor.

Wanda Musso é das nossas cantoras lyricas mais festejadas. Tem os cursos de piano e canto. Estudou no Instituto e no Municipal, com Henrique Borgogino e Aristhéa Jorge. Possue uma voz rica de colorido e plasticidade. E' uma grande cantora. Seduzida pela musica popular, Wanda Musso trocou as composições lyricas pelas canções regionaes. E é de canções regionaes o recital que dará no dia 25 do corrente, em vesperal, no theatro João Caetano.

Parou um pouco e levou á bocca a colher que afundára na taça branca de "ice-creame". Sem olhar ao que a entrevistava. E depois:

— Quem me vê não me vê. Eu sou a que vive por dentro, torcendo-se como uma salamandra na chamma da propria desventura.

— E por que não foge da noite que a punge, não mata o ser interior que a tortura? — Perguntou elle.

— Destinos.

— Ha destinos harmoniosos...

— O meu é como a noite. Em tenebras. Tudo em mim é anniquilamento e é dor. E coisa estranha: só na propria dor acho consolo á minha dor: quanto mais soffro mais procuro soffrer, martyrizar-me, e mais encontro uma indizivel volupia na dor que não apazigou a minha dor, mas augmentou-a, pungindo-me mais, inutilizando-me.

— E o amor?

A creatura branca e de olhos como duas aguas marinhas pallidas pareceu não ter ouvido a pergunta banal. Ouviu-a, sim, porque, depois de uma pausa, respondeu, olhando a taça quasi intacta de "ice-cream".

— E' a dor que vive em mim, dando-me a dupla personalidade que animo: a de dentro, que vive, e a de fóra, que parece viver.

Singular aquella creatura, cujos olhos, na tarde moribunda, lhe pareciam segredar não definia que historia d'angustia e lhe communicava não sabia que sentimento de affeição immaterial e de melancolia. E pensou.

— Como devia ser bom amar-se a uma creatura assim!

Abstrahiu-se um instante. Bebeu o resto do segundo "cocktail" e volveu-se para a formosa e triste figura que entrevistava.

Não havia mais ninguem ao seu lado.

Notas de Arte

Oscar D'Alva

BAILADOS FRANCO-RUSSOS — Graças á actividade incansavel de Nicolino Viggiani, temos gozado no theatro Lyrico dos bellos espectaculos de arte, que são os *Bailados Franco-Russos*. Tres estréas e quatro repetições encheram a penultima semana. Pena é que o publico não tenha correspondido á boa vontade do empresario em servil-o e que razões de ordem economica e financeira obriguem a empresa a espectaculos continuos, que fatigam por demais os artistas, reduzindo-lhes o poder emotivo.

Como quer que seja, porém, a verdade é que têm sido alvo de justos e calorosos applausos quasi todas as exhibições da grande companhia choreographica, que foram: os bailados — *O lago do cysne*, de Tchaikowsky e Petita; *O cinema das moças*, de Dresa, Roland e Staats; *O principe Igor* (Danças Palovisianas), de Rimsky, Korsakoff e Miguel Fokine; *Coppelia*, de Nuitter, Léo Délibes e Saint-Leon; *Noite de festa*, de Storats e Henrique Busser; — os "divertimentos" — *Trepat*, de Tchaikowsky; *Dança*, de Granades; *Rondó caprichoso*, de Saint-Saens; *Humoresca*, de Tchaikowsky; *Dança Turca*, de Minkos; *Dança Chineza*, de Tchaikowsky; *Czardas*, de Borodine; — o drama choreographico — *Scheherazade* — e as scenas burlescas — *Petruchka* — ambas as composições de Rimsky Korsakoff e Miguel Fokine.

E', sem contestação, a primeira figura da Companhia, Vera Nemtchinova. Revelou todo o seu valor nas multiplas interpretações em que se exhibiu. Só uma não nos deu a emoção de arte que esperavamos: foi a do *Cysne*, de Saint-Saens. Mas acreditamos que resultou a nossa impressão negativa de estar a artista excessivamente fatigada pelo continuo bailar em dois espectaculos diarios. Não fôra isso, dados os invulgares predicados da grande bailarina, teriamos tido, senão igual, emoção semelhante á que nos deram da mesma dança as inolvidaveis Felyne Verbist e Anna Pavlova, incomparaveis interpretes do *Cysne*.

Uma scena da peça «Depois do enterro», de Peretz. Apparecem os interpretes: Berta Singerman, Iide Pirosano e Orestes Caviglia. A nova creação da illustre interprete da poesia — o theatro de camara — estreará no Lyrico nos ultimos dias de outubro corrente.

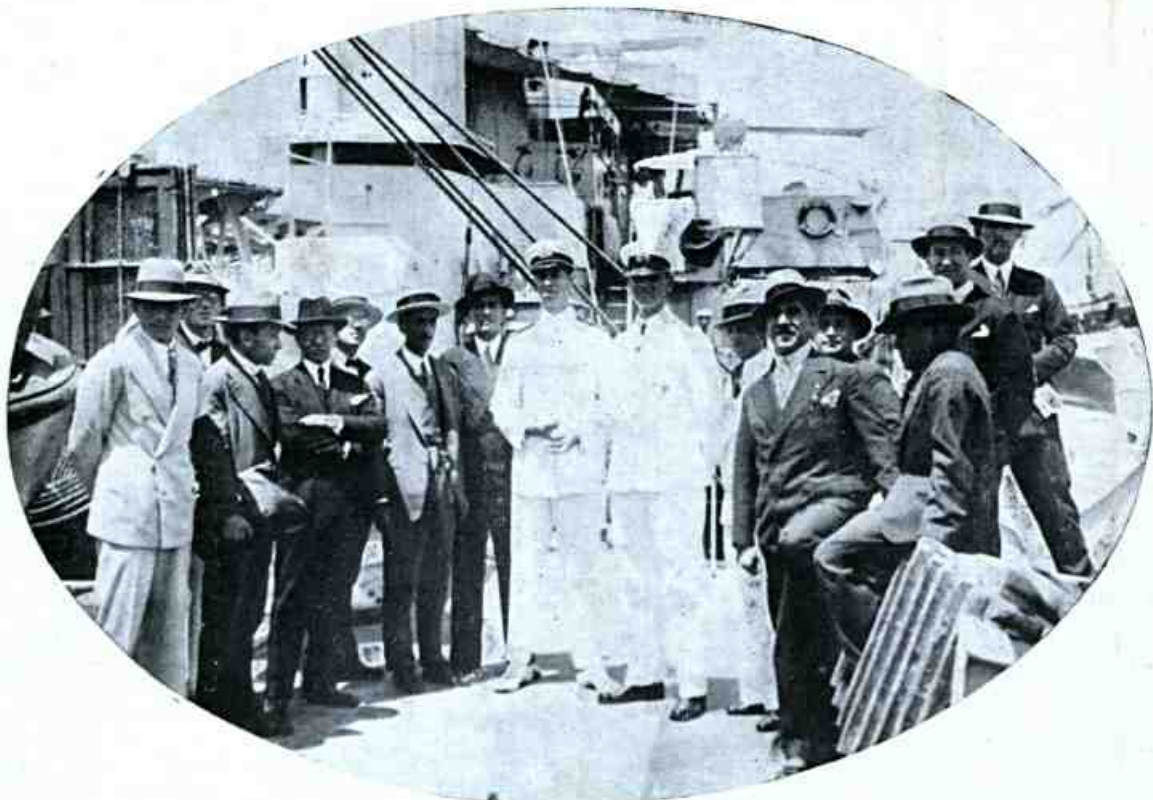
Feita essa restricção, tudo são elogios á famosa artista. Naturalmente não apreciamos no mesmo grão todos os bailados e choréas; applaudimos mais uns que outros. Mas isso depende da especie das danças e não do valor da interpretação.

Com esse criterio, Vera Nemtchinova mostrou-se-nos sempre leve, imponderavel, pluma que esvoaça; e ao mesmo tempo patenteou que cada um dos seus gestos, cada uma das suas attitudes, cada um dos seus movimentos, eram, quasi sempre, exactas expressões plasticas de cada som, de cada nota, de cada vibração musical. Vimol-a em Swanilda, de *Coppelia*; em Estrella, de *Noite de festa*; em Bailarina, de *Petruchka*, e no *Rondó caprichoso*, e, acima de tudo, na Rainha dos Cysnes do bailado *Lago dos Cysnes*. Como encarnação dessa personagem de lenda, todo o seu corpo foi musica. A cada nota dos instrumentos, correspondia uma vibração da plastica. Todos os gestos e attitudes eram afinados pelos sons da orchestra. Todo o corpo da bailarina cantava. Nemtchinova subiu então no mesmo plano da celebre Pavlova. E o theatro veiu abaixo, de palmas e bravos.

Em torno da grande estrella gravitam artistas de merito real, como Anatolio Wiltzak, Nicoláo Zvereff e Alexis Dolonoff, que deram notavel realce, respectivamente, ao Principe, do *Lago dos Cysnes*, a Franz, de *Coppelia*, ao Mouro, de *Petruchka*, e á *Humoresca* e á *Dança*, de Granados; como as bailarinas Lydia Pavlova, E. Maria, Lucia Beandier, Nina Verchinina e Nathalia Miklachewska, que brilharam especialmente, cada uma nos seus respectivos papeis, em *Lago do Cysne*, *Trepat*, *Humoresca*, *Noite de festa* e *Petruchka*.

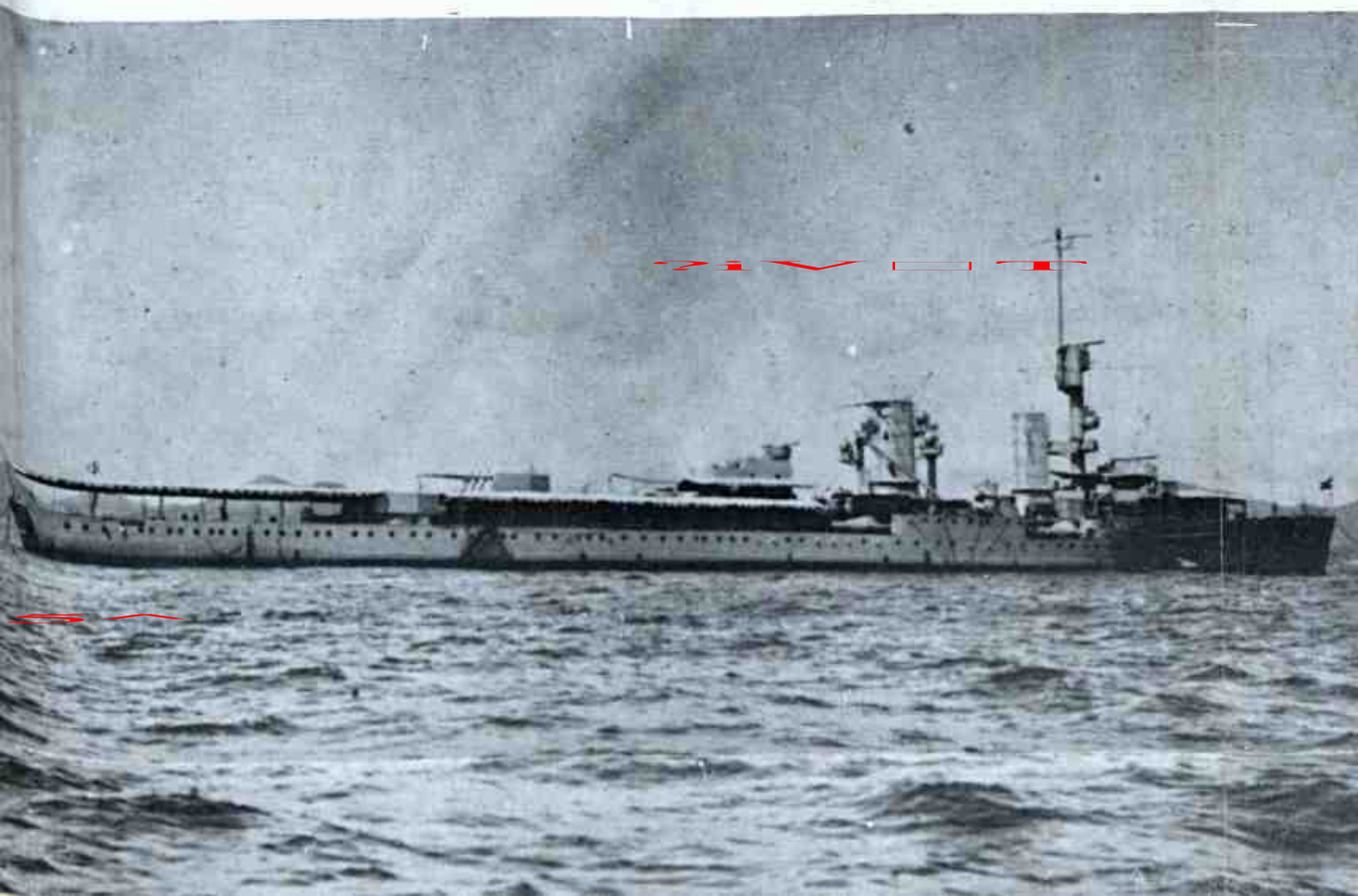
Ha ainda um nome que merece particular destaque: é Ludmilla Scholar. Não só fulgurou com raro brilho no divertimento *Czardas*, como deu intenso relevo á figura de Primeira Odalisca em *Scheherazade*, Zobeida, que era Vera Nemtchinova, não conseguiu eclipsal-a.

Em conjuncto, os Bailados Franco-Russos são uma pleiade de artistas de talento, emmoldurando uma figura notavel de poetisa dos gestos e attitudes — Vera Nemtchinova.

Elemento decisivo para o grande exito dos bailados, figura a orchestra de 40 professores do Centro Musical do Rio de Janeiro, dirigida pelo maestro Nardini. Brilhou ella tambem executando, antes ou no intervallo das danças, a *Marcha Heroica*, de Saint-Saens; e as *Aberturas* das operas *Mignon*, *Egmond* e *Bacchos*, respectivamente, de A. Thomas, Beethoven e A. T. Nardini.

O PASSADO

Não nego, não negamos, ninguem póde negar o valor das gerações que precederam a nossa. Seria ingratidão monstruosa, tão monstruosa como a da flôr que, vaidosa de sua garridice, desprezasse a singeleza da folha que a formou, ou como a do fructo que, orgulhoso do seu sabor e da sua utilidade, mofasse da inutil beleza da flôr de que nasceu. Tudo se encadeia, tudo se prolonga, tudo se continúa no mundo; e o melhor, si não o unico meio de aproveitar o presente e preparar o futuro, é honrar e respeitar o passado.

Olavo Bilac.

Um grupo de jornalistas cariocas visitou, sabbado ultimo, a convite da legação da Allemanha, o cruzador da marinha de guerra germanica «Karlsruhe», que se acha, ha dias, no porto desta capital. E' um flagrante dessa visita o que focaliza a gravura acima, vendo-se em baixo a bellonave allemã ancorada na Guanabara.

FILIGRANAS

Na cerimonia da sagração do rei Carlos X, na tradicional basilica de Reims, cathedral gothica que a guerra quasi destruiu, o acaso pôz na fileira dos pares da França, alinhados ao pé do throno, ao lado um do outro, Chateaubriand e o sr. de Villèle. Chateaubriand é quem todos nós sabemos. O outro fôra o intrigante que o puzera fóra do ministerio. Chateaubriand, sem pasta, conservava a pasta das letras, de que era, então, o mais alto expoente no seu paiz. O outro era presidente do conselho de ministros.

Victor Hugo, presente á scena, diz que o sr. de Villèle olhava para o autor de *Atala* "sem vêl-o, com a profunda indifferença e o natural desdem do homem que tem uma pasta de ministro pelo homem que unicamente é um genio..."

A phrase do poeta vale por uma chicotada.

A *MULHER*

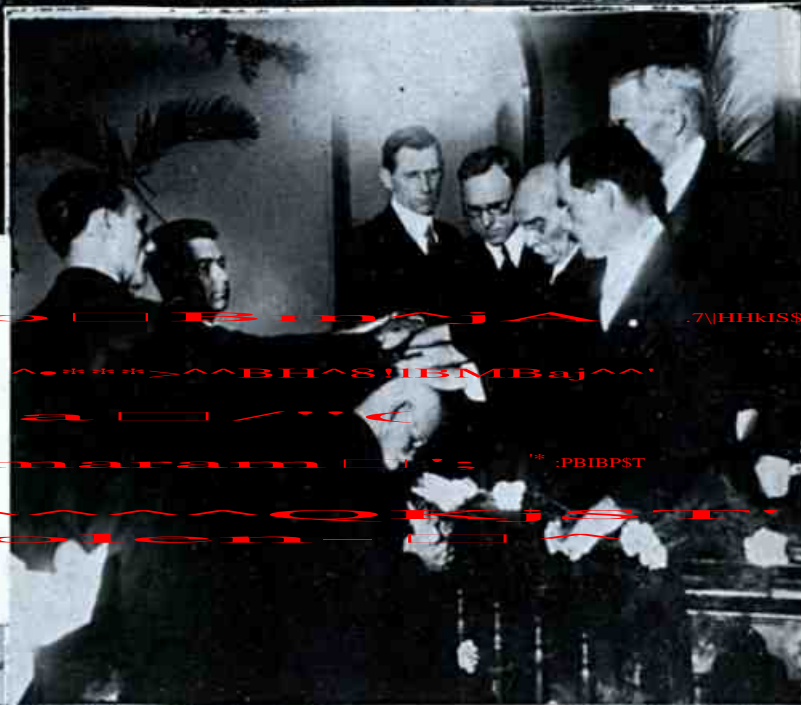
Pura e nobre companheira do homem, muitas vezes forte, outras acabrunhada, sempre resignada, quasi igual ao homem pelo pensamento e superior a elle pelos mysteriosos instinctos da ternura e do sentimento! Talvez não tenha no mesmo grau a faculdade viril de crear pelo espirito, mas sabe melhor amar e, si é menor a sua intelligencia, maior é o seu coração. Os espiritos levianos zombam della. O vulgo ainda é pagão em tudo que se lhe refere, mesmo no culto grosseiro que lhe rende. As leis sociaes são para ella rudes e avaras. Pobre, é condemnada ao trabalho. Rica, ao constrangimento. Os preconceitos, até no que têm de util e bom, pesam mais fortemente sobre ella do que sobre o homem. Seu proprio coração, tão elevado e sublime, nem sempre é para ella um consolo e um asylo. Parece que Deus lhe quiz dar neste mundo todos os martyrios por lhe reservar, talvez, no outro, todas as corôas.

Victor Hugo

ARTISTAS DO NORTE

O pintor alagoano Zaluár Santanna e algumas telas da sua ultima exposição, realizada em Maceió. Zaluár será um dos concorrentes á «Festa das Côres», a grande exposição de pintores alagoanos que a Academia Guimarães Passos inaugurará em novembro proximo, naquella capital.

A assistencia dentaria infantil vem-se tornando, nesta capital, uma verdadeira conquista da hygiene moderna. Nesse sentido tem sido intenso o serviço da 1.ª Região Dentaria da Directoria de Instrucção Publica Municipal, não só na parte de assistencia dentaria ás crianças que frequentam as nossas escolas publicas, mas tambem na divulgação de ensinamentos uteis sobre a conservação dos dentes, para que as crianças adquiram habitos sadios e de proveitosos resultados para a sua saude. A photographia que estampamos representa uma explicação dada pela dedicada professora d. Nair Bento de Faria a uma turma de alumnos da Escola Pereira Passos, sob a direcção da distincta professora d. Marcia L. Rocha.

No templo methodista do Cattete realizou-se, domingo passado, a cerimonia da consagração do revmo. dr. J. W. Tarboux, primeiro bispo da Egreja Methodista do Brasil. Foi essa uma cerimonia de grande significação religiosa, na qual tomaram parte os elementos mais representativos da Congregação. Esta pagina offerece tres flagrantes da solennidade.

CASA BELLAS ARTES

CASA BELLAS ARTES é o novo estabelecimento com secções de café, confeitaria e charutaria que acaba de ser inaugurado nesta capital — á avenida Rio Branco, 176-178, por iniciativa da firma Levi, Castro & Moraes. Trata-se de uma casa realmente luxuosa e digna da civilização do Rio de Janeiro. Sua abertura foi um acontecimento que se realizou com a presença de muitas familias, tendo por isso uma nota de fina elegancia.

A secção de confeitaria da Casa Bellas Artes, confiada á competencia do sr. Victorio Falcone, está apparelhada a attender satisfatoriamente á nossa população, assim no seu moderno salão de chá como nos pedidos que venham de fóra.

*

As photographias desta pagina fixam detalhes da solennidade inaugural da Casa Bellas Artes.

Os Sete Dias de "Fon-Fon" no Cinema

Feira das vaidades

Um film da UFA para o «Programma Urania»

com

Brigitte Helm

A miseria entrara no pequeno e pobre camarim da dançarina Vera Kersten. Desempregada e cada vez mais desesperançada e cansada, erra, diariamente, de emprezario em emprezario, para ser recusada, por todos, de forma mais ou menos offensiva.

A dona da pensão já a ameaçara com um despejo. O fantasma da falta de abrigo obriga a bailarina a sahir mais uma vez em busca de uma nova empresa theatral. Cynicamente, o emprezario mostra-se admirado de ver uma moça tão linda á procura de emprego... Profundamente desgostosa e magoada, Vera retira-se e, horas depois, junto a um banco de jardim, perde as energias. Seu olhar turva-se, ella cambaleia para a frente, um tanto inconsciente... De repente..., um choque, um grito agudo, e a desditosa artista cae á frente de um elegante automovel, que é freiado justamente no ultimo momento. John Leeds, millionario americano, que, havia poucos dias, se achava nessa cidade para realizar uma de suas grandes transacções, salta do carro, levanta a moça sem sentidos e deita-a no seu magnifico auto.

Uma proposta abjecta.

O rei da finança, conhecedor da omnipotencia do dinheiro, resolve, sorrindo, ajudar a pequena dançarina. Compra-lhe vestidos elegantes e acompanha-a ao escriptorio de um empresario, que, immediatamente, fica manso como um cordeiro. Ao regressar á casa no auto de Leeds, Vera é vista por Edgar Merck, actor degenerado, que, incontinenti, se offerece para ser seu empresario.

No dia seguinte seguem ambos para Baden-Baden, onde Vera tem de começar seu novo emprego. No trem, a dançarina trava conhecimento com o barão Egen von Halden, que tambem viaja com o mesmo destino, em companhia de sua amante, a bella Fernande Besson. O titular enamora-se da linda dançarina loura, facto que não passa

O odio do ciume.

despercebido á argucia de Fernande.

Num campo de golf, no balneario mundano, encontram-se Halden e Vera. Mas Fernande não se deixa abandonar tão facilmente pelo amante, e em Merck encontra um alliado. Por causa de uma carta falsificada de John Leeds, Halden fica sabendo que Vera é amante do archimillionario.

Vera, informada desse embuste calumnioso, corre immediatamente á casa de Halden e obriga Merck a desmentir-se. O bandido, já meio desconfiado, resolve desapparecer. Antes de partir, porém, consegue ludibriar um corretor e um joalheiro, usando, como recommendação, o nome de John Leeds.

De posse do roubo effectuado, Merck vae fugir, mas ao sahir depara-se-lhe John Leeds, que chegára de surpreza. Intimado a dizer a verdade, Merck confessa que Vera não soube das suas fraudes. Entrementes, os dois prejudicados descobrem Vera em companhia de Halden no salão de baile de um hotel e querem mandar prendel-a alli mesmo. Estouraria um escandalo social de grande retumbancia.

No meio dessa confusão, Vera fica pallida em frente á multidão agitada que a acoima aos gritos de aventureira. Halden tenta protegel-a, quando entra John Leeds para salvar, pela segunda vez, a dançarina, que encontrara em Egon von Halden um protector sincero.

MARY DUNCAN, da "FOX"

O Principe dos Diamantes

A magia do oriental.

GILBERTO ENDOM, um nobre inglez, d'um momento para outro, se vê sem recursos, pobre mesmo. Entretanto, a sua educação finissima e os seus dons intellectuaes facilitam opportunidades, que elle aproveita sem detrimento da sua linha aristocratica impeccavel. Endom ama profundamente Eve Marley, uma linda moça de quem se fizera noivo e que merecêra tambem a attenção de Crayle, rico negociante em diamantes. Este ultimo não hesita em lançar mão de processos os mais hediondos para afastar o adversario perigosissimo que via em Endom, merecedor da preferencia inilludivel da moça. Assim é que, auxiliado por um irmão de Eve a quem faltava

---

UM FILM DO PROGRAMMA SERRADOR E UMA NOVIDADE NO PALCO DO GLORIA — Este mez a Companhia Brasil Cinematographica apresentará duas grandes novidades ao publico. "Os Cadetes do Czar" estarão no Gloria na semana de 20 do corrente e "Piccadilly", o sumptuoso film do Programma Serrador, fará a sua estréa no Palacio Theatro, provavelmente no fim do mez.

"Piccadilly" é uma das mais recentes obras cinematographicas de E. A. Dupont, o mesmo director de "Varieté" e "Moulin Rouge".

Bastaram esses dois nomes para que os leitores, immediatamente tivessem a idéa do valor desse director. "Varieté" e "Moulin Rou-

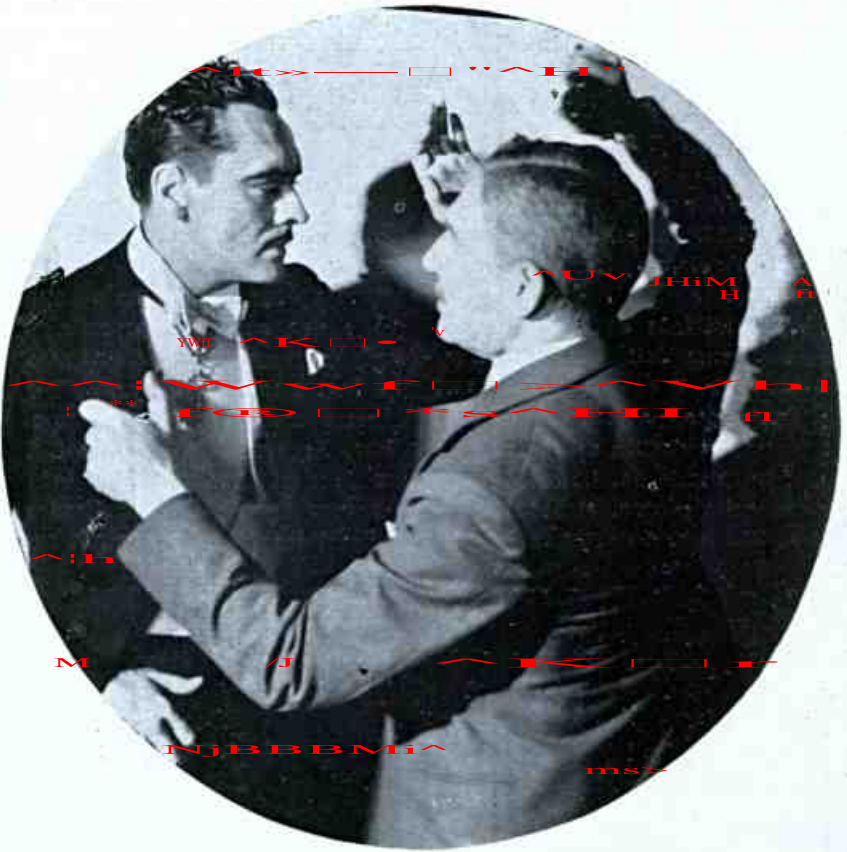
O castigo merecido.

Uma producção da

COLUMBIA PICTURES

representada por

Aileen Pringle

Escrupulo e consciencia. Crayle consegue fazer prender, sob falsa accusação, o seu joven rival, exigindo, para libertal-o, que Eve consinta em acceital-o, a elle, Crayle, como esposo. Para salvar da infamia o seu adorado Endom, Eve concorda e casa-se com Crayle. Solto, Endom parte immediatamente para o Oriente, onde, depois de aventuras romanescas e quasi inverosimeis, consegue fazer fortuna, voltando então a Londres, disfarçado em um principe parsa.

O seu olhar hypnotizava.

As peripecias emocionantes por que passam os heroes desta historia são as mais interessantes, terminando por vencer mais uma vez o amor espontaneo e legitimo, com sua força e sua belleza maravilhosa.

Luta de feras.

ge" são obras que, para sempre, ficaram incluidas entre as maiores realizações cinematographicas.

"Os Cadetes do Czar", que o Gloria reserva para seus *habitués*, é um grupo de vinte e quatro musicos formidaveis. Elles cantam, dançam e tocam em suas balalaikas melodias slavas, arias populares e canções dos russos.

"Piccadilly" tem Gilda Gray, Anna May Wong e Jameson Thomas, tres vultos de valor, nos papeis principaes.

O publico apreciará ainda em "Piccadilly" um authentico bailado chinez e varias danças modernas, executadas por Gilda Gray, uma das mais completas bailarinas americanas.

O RAPAZ DO ARIZONA

Producção da Fox Film

Interpretação de WARNER BAXTER e MONA MARIS

ESTAVA posta a um premio de $5.000 a cabeça de Chico Cabrillo, o temido "Arizona Kid".

Na localidade de Rockville, todos falavam delle, mas ninguem o conhecia.

Entretanto, Arizona Kid frequentava Rockville, sob o seu verdadeiro nome de Chico. Audacioso, bello e conquistador, o Arizona Kid, com a mesma facilidade que empunhava a sua "amiguinha", conquistava um coração de mulher.

Com a alma sedenta de aventuras, e com o coração povoado de sonho e romance, o Arizona Kid era bem o typo do amoroso. Elle não roubava, como queriam acreditar. Ao contrario, o nobre Kid era de uma generosidade a toda a prova. E com taes predicados facil foi inspirar uma paixão ardente no meigo coração de Ma-rita.

Aos habitantes de Rockville impressionava o facto de Kid andar sempre cheio de dinheiro. E a mesma pergunta era feita: Quem será este homem que fala muito e diz pouco?

E qual um cavalleiro andante o Arizona Kid, todas as noites, cavalgando o seu bello Sultão, ia em demanda da sua mina de ouro

O seu idolo.

Para a tentar.

E numa tarde de regresso, festejando um momento de alegria no bar local, entra uma joven muito loura e linda, que vinha pedir acolhida para si e seu irmão gravemente enfermo.

Kid attende-a galantemente e offerece regia hospedagem á bella Virginia e a seu irmão Nick.

Impressionado com aquelle typo de mulher, como não tinha ainda visto em dias de sua vida, o Kid deixa-se levar pelas teias da seducção daquella moça muito loura.

Lorita, despeitada pelo ciume de ver o seu Chico arrebatado por uma estranha, resolve tambem habitar a mesma casa, afim de vigiar os passos de ambos.

Acontece que, ficando restabelecido, Nick, suspeitando da identidade de Kid, resolve uma noite seguir seus passos.

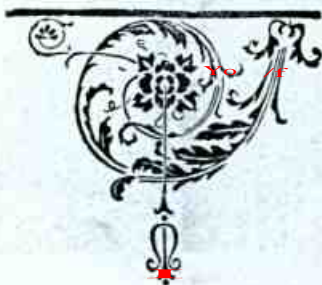
E, malvado, mata os dois fieis servidores do Arizona Kid.

O Sheriff Andrews aguardava ansiosamente a chegada da dili-

gencia postal, pois que annunciado estava que por ella vinha a almejada photographia do famoso Arizona Kid.

Sabendo da traição de Virginia e de Nick, pois que, em vez de irmãos, ambos eram casados, Lorita quer a todo transe salvar o seu bem amado.

E consegue furtar a photographia reveladora e entrega-a ao seu verdadeiro dono.

Assim dava ella, pela sua audacia e destemor pela vida, a maior prova de amor ao Arizona Kid, o seu bandido amado, cujo crime unico para Lorita fôra ter roubado o seu mimoso coração de mulher!

AVE DO PARAISO

(Especial para o "FON-FON")

A vida serena que vivera o violeiro Zefirino fôra a bondade ingênua, a pobreza santa e a fé acalentadora dos illudidos. Media-se-lhe a sensibilidade pelo quinhão da virtudes que nucleava e pelo angustiado coração de poeta e de soffredor.

Foi um rosal que medrou entre seixos.

Galés de sua irremediável solidão, encarcerando a alma no vazio das orbitas, onde a luz se apagou ao sopro do destino, vivendo do outro lado da vida, distante do alvoroço inquietador que dynamiza as multidões, elle, na sua conformada cegueira, sentia, apenas, o desejo inextancavel de viver para sua arte.

Ganhava, com o rythmo esquisito de suas cantigas, arrancando lagrimas ou provocando risos, o pão para matar a fome.

Ignorado, passou pela existência na dolorosa resignação de um justo, buscando, na sua memória maravilhosa, modelos bizarros para as toadas de rojão com que se tornára conhecido.

A sua viola humilde e vibratil guiava-o sempre á conquista dos desafios, ligada á sua rajo grosseira, afflictiva como a filha de um cego que, cautelosa, o conduzisse, dentro da noite longa de seu olhar parado, através das agras peregrinações da miséria.

A suggestiva cadência de seus monotonos accordes, tangidos ao clarão dos plenilunios nos terreiros lisos das fazendas vizinhas, era bem a voz dolente dos «nossos bardos remotos», vibrando na cintura brejeira dessa poetisa nua que, de alma aberta a todas as cantigas, nascêra para ensinar ao homem rude da terra brava — o verdadeiro idioma que elle deveria falar.

E' o symbolo creoulo dessa raça triste que, vinda de tres phalanges nômades», trouxe dentro de seu sonho a saudade, flor cujo perfume e cuja côr somente no Brasil se sente e conhece.

Zefirino viveu arrebatado pela sua arte; revelou toda sua alma pela harmonia da garganta de rouxinol e foi, na sua ignorancia, o reflexo do pensamento emotivo dos simples, daquelles que se acalentam nos enredos vulgares dos romances humanos, que vão da alegria á dor e do beijo á lagrima.

Edificou, nas toadas virgens, encantados castellos de felicidade.

Desde creança, levára a vida de um santo. Nunca um vicio o fez corar.

Apesar de esbelto, maneiroso e forte, na sua sadia adolescencia, contava ter se livrado das paixões.

Nunca um olhar lhe ateou chamma ao peito; jamais um sorriso se fez serpente para o seu olhar...

Depois de cego, brotou-lhe no espirito a poetica.

A sua arte barbara guardou sempre amostras do temperamento que o distinguia.

Imaginava-se, pela magoa do verso, quando falava de um bem perdido, que elle amou... E eu, certa vez, o ouvi cantar, com a voz cheia de coração e arrepios nos lábios», os trechos de uma historia, que dizia:

"De meu amor, á tua trança
Eu fiz, um dia, doação.
Hoje cortaste o cabello
E' cadê meu coração?"

A melancolia de sua poetica selvagem escondia a tortura insoffrida de uma dor resignada que elle afra[illegible] dissimulando-a para illudir sua propria angustia. Depois que se fez noite longa para seus olhos, a sua vida foi um poema de innocencia e de virtudes.

Cantou. A sua cantiga mudou-se em saudade. Ficou-nos, apenas, a lembrança de sua historia.

Sua alma, esta subiu liberta nas azas diaphanas das harmonias que creára, para a suprema ventura de viver tranquilla e feliz.

Jayme dos G. Wanderley

Os nossos compatriotas srs. Antonio Palmieri, banqueiro em S. Paulo, e dr. Gladstone Drummond, advogado em Paris, sahindo da fonte do Hospital, em Vichy, França.

A colonia chineza domiciliada nesta capital commemorou, na penultima sexta-feira, o anniversario da proclamação da Republica em seu paiz, reunindo-se numa festa civica, que se realizou no Centro Chinez, sob a presidencia do representante da embaixada chineza.

O professor dr. Costafilho proferindo, no salão nobre do Athenêu Pedro II, em Aracajú, a sua conferencia sobre «O sentido internacional da nossa historia», na qual fez o elogio dos recentes livros patrioticos de Gustavo Barrozo.

MALGRÉ LE TEMPS
ÉTERNELLEMENT
JEUNE

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E... DETESTAVEL

CINEMA ODEON

ILHA MYSTERIOSA

Da Metro

Por uma coincidencia curiosa, Julio Verne encontra-se, no momento, em pleno successo nos cinemas cariocas. *A mulher na lua* e a *Ilha Mysteriosa* são dois trabalhos arrancados á imaginação do grande escriptor francez. O primeiro desperta evidentemente mais curiosidade; este avançou mais nos dominios da phantasia romanesca, dando-nos um interesse na acção, superior ao interesse propriamente scientifico, que é o motivo essencial dos romances do eminente realizador de maravilhas. A encenação deste filme da Metro é surprehendente de realismo e produz sensação, não obstante as scenas a traço grosso de que, por vezes, se resente a direcção, que quer deste modo provocar emoções violentas.

Cotação — BOM

CINEMA PATHE'

ASTUCIA DE MULHER

Da Warner Brothers

E' um drama policial com os habituaes caracteristicos do genero. Não é melhor nem peor que tantos outros da especialidade, que já não conseguem despertar a attenção do publico. Valoriza-o a interpretação de Conrad Nagel, que, não obstante não ser um grande realizador desses caracteres, põe no seu trabalho um poder de realismo que nos compensa da banalidade do scenario. O desenvolvimento do argumento tem um pouco de falta de sequencia logica, e somos obrigados a appellar para a razão do convencionalismo artistico para admittir certas situações.

Cotação — SOFFRIVEL

CINEMA GLORIA

ASSIM E' A VIDA

Da Sono-Arte

A inverosimilhança dum argumento chegou até aqui e parou. Fazia-se disto ha vinte annos com grande successo. Mas o mundo tem dado muitas voltas desde então, e com elle o cinema tambem. Registre-se como valioso para o merito da pellicula a interpretação de José Bohr, que é um "atro" vencedor neste céo moderno do cinema de tro-la-ró.

Cotação — SOFFRIVEL

CINEMA IMPERIO

BURLESQUE

Da Paramount

Filme-revista com um argumento levemente sentimental. Depois que a Paramount e outras marcas nos apresentaram as maravilhas de technica, os esplendores de belleza, que este anno o Rio admirou, *Burlesque* (*No rodopiar da vida*) perdeu o pulo, isto é, deixou de produzir a sensação que merecia, porque possue scenas de conjuncto de um sensivel bom gosto e belleza. Nancy Carroll e Hal Skelly são os heroes do filme, que vivem com grande sentimento.

Cotação — BOM

CINEMA PATHE' PALACE

NADA PARA VESTIR

Da Columbia

Um *vaudeville* que tem uma regular dose de espirito, com situações e *trucs* do genero, attingindo mesmo uma certa liberdade, que não chega a fazer corar uma menina de collegio. O ambiente é modernissimo... á americana. Não serve, por isso, de modelo ás nossas *jeunes filles*. A interpretação é viva, e nella encontramos uma antiga *estrella* do cinema mudo, que produziu noutras eras trabalhos de valor. E' Jacqueline Logan.

Cotação — SOFFRIVEL

A vida dos passaros

RECENTES investigações realizadas pelos scientistas nomeados pelo governo dos Estados Unidos, revelaram factos muito interessantes a respeito da vida dos passaros. De collaboração com outros scientistas de diversas partes do mundo, usando de alçapões e de marcas nas pernas das aves apanhadas, importantes pesquizas foram feitas relativamente a hábitos, costumes e emoções, as quaes fizeram luz sobre pontos que antes eram problemas para nós.

Entre outras coisas, a sciencia esclareceu que, na sua maioria, os passaros, depois de se juntar, vivem unidos para o resto da vida. Algumas vezes, comtudo, como entre os seres humanos, levantava-se uma discordia no casal, e a separação é inevitavel. Em todo o caso, porém, isso succede com menor frequencia do que entre os racionaes, e leve-se em conta que os amorosos de pennas não têm um contracto escripto que os acorrente, como nós...

Um casal feliz constroe dois ninhos, com a idéa de fazel-os durar toda a vida: um para o verão, no Norte; outro para o inverno, no Sul. Emigram logo que o vento frio começa a soprar, e procuram, nas terras de sol, o calor de que carecem para aquecer os seus ninhos.

Esses vôos de migração mostram a resistencia dos pequenos seres que nos parecem tão frágeis e que, entretanto, têm mil vezes mais fôlego do que nós. Além disso, o tino de um velho lobo do mar é necessário para fixar o rumo deste «raid», que, ás vezes, é de 2.400 milhas, sem descanso, como o do doiradinho (tarambola), que vem de Newfoundland (sobre o Oceano), para as Indias ou para o Brasil. Elles têm os seus pontos de repouso, e dividem-se, criteriosamente, para que os insectos e os grãos cheguem para todos. Nas suas novas descobertas, os ornithologos do governo foram ajudados por uma sociedade conhecida sob o nome de «Associação de Bandagem Americana». Os membros desse grêmio pegam os passaros e passam-lhes uma banda na perna, marcando-os para serem identificados quando cahirem em outros pontos. Essa banda é de aluminio e traz a seguinte inscripção: «Biol. Surv. Wash. D. C.» Assim, quando uma ave traz essa marca, registam-na, põem outra, e soltam novamente o captivo, e, dessa maneira, sabe-se de onde elle veiu e quantas milhas voou.

Segundo Baldwin, os passaros têm familia organizada de maneira que muito se aproxima da do homem. Vivem unidos e por longo tempo, no mesmo logar, de onde só saem quando velhos e enxotados pelos novos.

Pelas pesquizas de Mr. Baldwin e W. W. Miller, do Museu Nacional Americano de Historia Natural, tira-se a conclusão de que cada especie de pássaro tem o seu ponto de veranear e de invernar — um no Norte e outro no Sul — onde faz seus ninhos e para onde vôa, regularmente, todos os annos. Passaros marcados com bandas revelam que a Patagônia, os pampas da Argentina e as florestas do Brasil são escolhidos pelos habitantes alados norte-americanos, para a villegiatura de verão. Corujas do Alaska, andorinhas do Canadá, tordos e verdelhões dos Estados Unidos, têm sido encontrados nas nossas mattas, veraneando como as elegantes cariocas em Petropolis...

Na Europa, também os scientistas fizeram exhaustivas investigações sobre os hábitos dos passaros. Os plumitivos europeus preferem o valle do Nilo e a bacia do Congo Africano para habitação dos mezes quentes. Os crocodilos do Egypto recebem annualmente a visita do doiradinho, que lhes serve de dentista. E' originalíssima a paciência do jacaré que vem para terra, abre a bocca, na qual o doiradinho entra e começa a limpar os dentes do crocodilo. Não se comprehende que o grande animal amphibio resista ao desejo de comer uma iguaria que vem metter-se-lhe na guela!

E, dessa maneira, as aves organizaram a sua vida com muito mais methodo do que nós, que blasonamos de possuir o privilegio do raciocínio...

(Resumo de um artigo do «New York Sunday American»).

Que justo orgulho sente a mulher, percebendo que causa inveja ás outras a sua cutis branca, unida e suave.

O TALISMAN DA BELLEZA

O brilho da belleza se irradia de um rosto cuja formosura provem de uma epiderme fresca e impeccavel.

Para todas as divinas creaturas o talisman com que conservam com zeloso cuidado os segredos da belleza é o «POLLAH» — o Creme da American Beauty Academy. Elle dá á cutis a ideal suavidade do pecego, fazendo desapparecer as imperfeições da pelle.

Para maior efficacia do emprego do CREME POLLAH enviamos gratuitamente, a quem nos mandar o endereço, o livrinho A ARTE DE BELLEZA; nelle se encontram todos os conselhos para hygiene e embellezamento da cutis e cabellos.

Corte este «coupon» e remetta aos srs. representantes da American Beauty Academy—Rua Riachuelo, 114—Rio

EM TODAS AS PERFUMARIAS

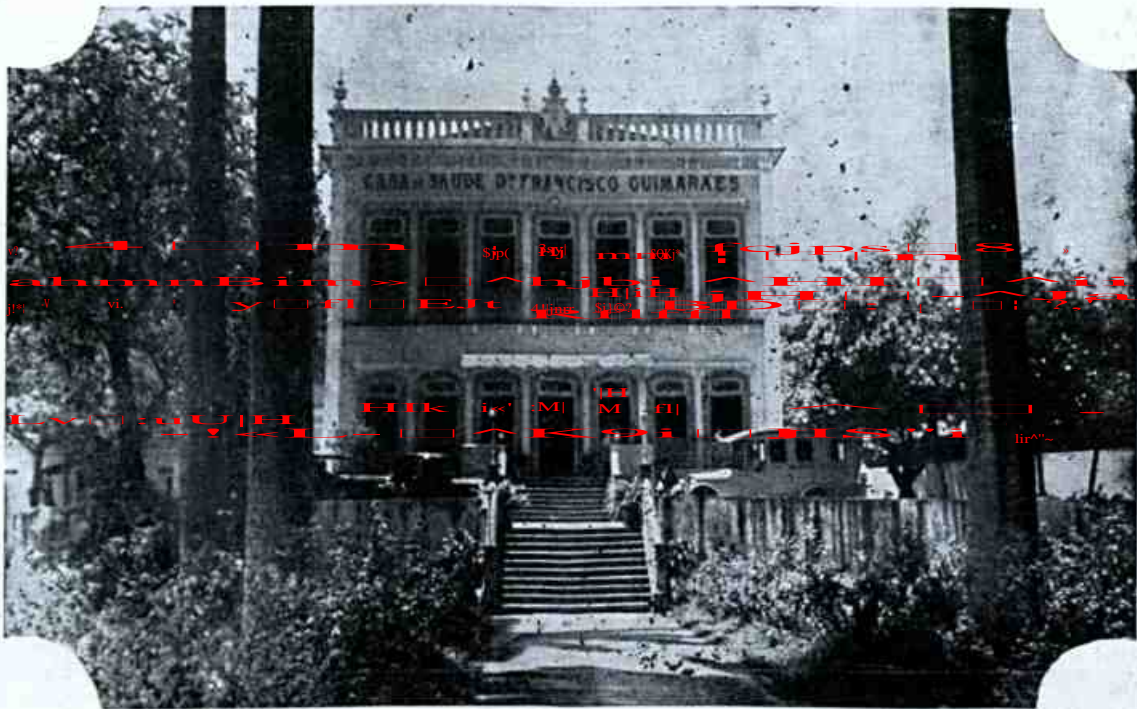
NOME ....

RUA ....

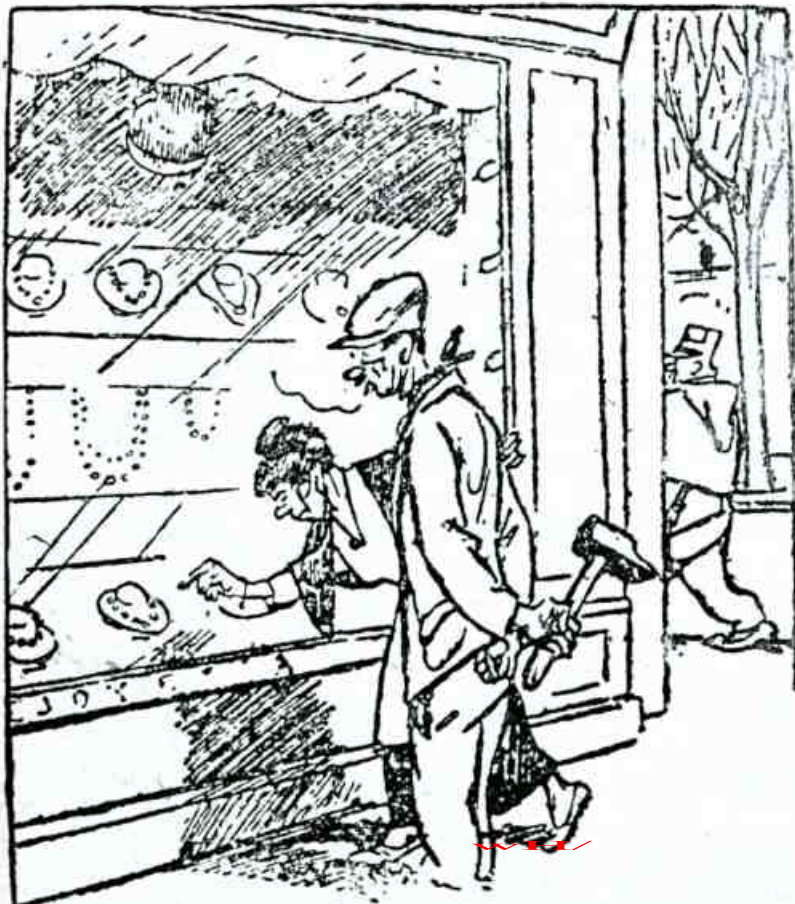
CIDADE ....

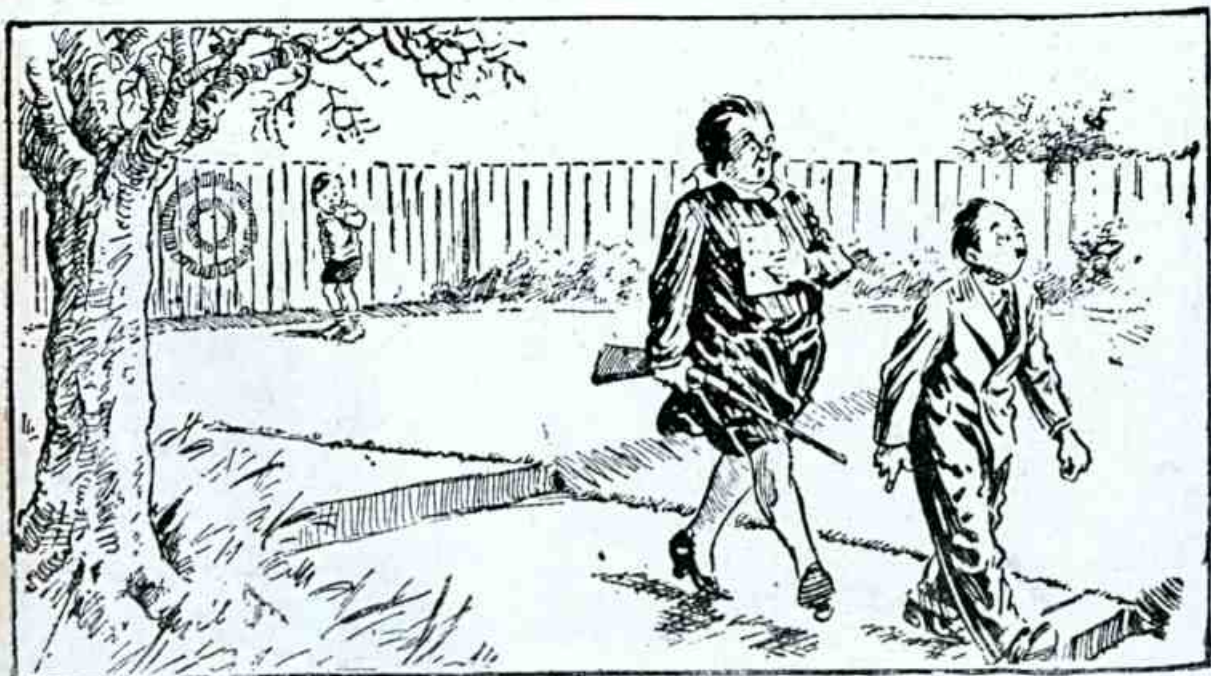
ESTADO ....

Casa de Saude dr. Francisco Guimarães

ARISTIDES LOBO, 115
TELEPHONE 8 – 3957

DIARIAS DESDE 15$000

ESPIRITO ALHEIO

— Apressa-te com esta escolha, querida. Sabes muito bem que não reparo nessa coisa de preços...

A senhora. — Não pensava dar-lhe coisa alguma, mas, emfim, aqui tem dez tostões.

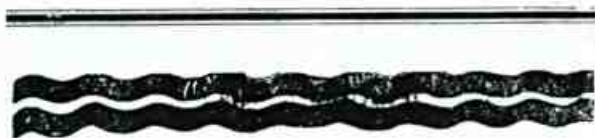
O musico ambulante. — Não me interessa o que a senhora pensava darme, mas sim o que me dá.

A esposa (indignada). — Não me importa que ensines ao menino a atirar com o rifle, mas o que me indigna é que utilizes o retrato de minha mãe como alvo!

Quando a jovem

se transforma em mulher, é quando mais se deve cuidar de sua pulchritude e de sua commodidade, para evitar-lhe vexames. • • • A toalha sanitaria Modess tem o enchimento muito absorvente e o lado exterior impermeavel para que offereça protecção absoluta. • • • Está feita de flocos muito suaves que a tornam mais commoda e não permittem que se note o seu uso.

Experimente-a.

MODESS

A TOALHA SANITARIA MODERNA

Um golpe de MESTRE

Examinou bem o castão de prata e começou a desaparafusal-o. Um instante depois, tinha-o retirado, descobrindo que a bengala era ôca.

— Foi apanhado! — gritou o agente Clarke, com um olhar de triumpho para o temivel Mr. Hemminkway.

January segurava a bengala de baixo para cima e sacudia-a. Cahiram, então, no assoalho, dezenove pequenos objectos, exactamente, enrolados em papel encorpado.

— Honesto Hemmingway — murmurou elle, fastidiosamente — pensava poder fazer-me engulir a farça, hein? Pensa, então, que estou na minha segunda infancia para...

Ahi, a expressão de orgulho desappareceu-lhe de chofre do rosto, porque, tendo os dedos rasgado o primeiro embrulhinho de papel encorpado, ficou-lhe a descoberto, na palma da mão, um seixo arredondado, triste, descolorido e absolutamente sem valor.

— Um pequeno gracejo, meu cavalheiro — murmurou Mr. Hemmingway — um pequeno gracejo. Seixos puramente; nada mais. Pode guardal-os como uma lembrança galhofeira de minha parte.

Mas elle gozou intima e inteiramente o gracejo...

— Está acabado, inspector — sussurrou o agente Clarke, ao seu superior. — Elle não tem os diamantes; está ahi. Achatou-nos de novo.

— Certamente que não os tenho — disse Mr. Hemmingway, que ouvira. — E' o que lhes digo em primeiro logar; e, em segundo, que se teriam preservado desse grande accumulo de trabalho se houvessem dado credito á minha palavra. Agora, se quizerem levar a vigésima pedra — a única que resta da collecção do duque Boris, ao escriptorio dos avaliadores, para ser avaliada, terei prazer em pagar os direitos sobre ella. E enquanto esperamos, inspector, supponha que está longe daqui, que foi mandado para fora e que tem os pés afastados dos meus calcanhares; que me suppriu de dois novos saccos de viagem... E, justamente para mostrar que não me encontro de má vontade, supponha-se jantando commigo todas as noites no Blitz.

— Nem que eu estivesse morrendo de fome! — vociferou o inspector January, e brandiu, irado, o punho cerrado. — Ainda hei de apanhal-o, Slippery Jim!

— Parece-me — murmurou Mr. Hemmingway — que vou revogar o seu estribilho, do mesmo modo que o revoguei ha tempos passados...

* * *

O *Titania*, tendo tomado carvão para a viagem de retorno ao respectivo porto do Havre, estava no dique, em East-River. Elle devia fazer-se ao mar ás onze horas. A's dez e um quarto, uma poderosa e longa *limousine* fechada deteve-se junto ao cáes, e um bem apessoado e joven cavalheiro saltou, ao abrir o *chauffeur*, uniformizado, com toda a deferencia, a portinhola.

Em seguida, o mesmo *chauffeur* tomou conta da bagagem e seguiu o cavalheiro á prancha do *Titania*. Um *steward* veiu-lhes ao encontro, e o moço mostrou-lhe um bilhete de passagem de primeira classe, que dava direito á cabine A-9.

— O meu empregado levará a bagagem — disse o passageiro que embarcara, ao *steward*. Desejo dar-lhe

de Christopher Booth

(conclusão)

umas tantas instrucções antes de partir. Vem, Jason!

— Pois não, Mr. Pepperhill — murmurou Jason, o chauffeur, pestanejando por detraz dos oculos.

O *steward* conduziu-os pela escada do convez e abriu a porta da cabine A-9.

— Espero que se sinta bem aqui, sir — disse. — Estou incumbido desta parte do navio.

— Muito bem — acrescentou Mr. Popperhill.

E o bilhete passou de uma para outra mão.

O cavalheiro voltou-se, então, para Jason:

— Entre, Jason, e espere que eu escreva uma carta á minha mulher.

— A secretaria das cabines é aqui.

Quem assim falava era o *steward*.

— Não, obrigado; estarei muito bem aqui. Oh! encontrei agora, casualmente, o cadeado da minha mala. Quer assegurar-se de que está a bordo?

O *steward* partiu, e Jason, com um rapido movimento, fechou a porta, trancando-a. Subito, em sua mão relampejou um punhal; de um salto, encontrou-se junto de um salva-vidas dependurado na parede. A lamina afiada introduziu-se no debruado, que saltou facilmente com a lona. Quando a cobertura tombou, deixou a descoberto um espaço redondo recortado na cortiça e dentro desta especie de nicho estava um saquinho de camurça, que Jason transferiu rapidamente para o seu bolso.

— Muito bem, Luiz! — exclamou. — Veja que a cobertura de lona fique no respectivo logar quando eu me fôr. Tudo estava tão bem arranjado, que elles não puderam descobrir a maroteira. Foi magnifica. Enviar-lhe-ei um radiogramma uma hora depois da partida do navio; poderá, assim, escapulir para Halifax. Não ha razão para a viagem toda. Meu radiogramma fornecer-lhe-á desculpas boas bastante para que você deixe o navio sem despertar suspeitas ou commentarios.

Mr. Pepperhill, com a sua viagem decifrada, inclinou a cabeça.

— Eu serei desembarcado novamente — falou o pseudo *chauffeur*, rapidamente. Até sempre!

Rodou a chave na fechadura e com o seu *thesouro* atravessou rapidamente o tombadilho. Alguns minutos mais tarde encontrava-se de novo na direcção do carro, mas não accionou logo o motor.

Tirara do bolso o saquinho de camurça e entornara-o na palma da mão. E dezenove diamantes surgiram á luz do dia, diamantes de um azul metallico, sem jaça, magnificos, que nos grandes dias da nobreza russa ornaram o pescoço da encantadora esposa do duque Boris.

— Hum! — resmungou elle. — Entendi pagar direitos sobre elles, mas este salva-vidas preservou-me de quasi oito mil libras de gasto. Foi, talvez, o meu melhor plano até hoje. Tom January não poderia pensar nunca que eu fosse capaz de abandonar o navio, deixando atraz de mim, na cabine, as pedras preciosas. Foi um novo *golpe de mestre!*

Elle levantou os oculos de disfarce e, como o leitor já suspeitou, Jason, o *chauffeur*, não era outro senão Slipper Jim Hemmingway.

O chefe contrabandista passara outra vez incolume, por sobre os direitos aduaneiros.

Na escola:

O professor — Vamos ver: qual é o phenomeno da natureza que annuncia as chuvas?...

Os alumnos (em côro) — Os pés de papae!...

• • •

Ao sahir da egreja, após o casamento, a noiva, dirigindo-se ao noivo, recommenda:

— Agora, estamos casados, Eduardo. De hoje em deante, basta de loucuras.

— Loucuras?... — replica o noivo. — E acaso existe maior loucura do que a que acabamos de fazer?...

• • •

Na feira livre:

O dono da barraca — E' preciso levar em conta, minha senhora, que tudo subiu de preço. Ha cinco annos passados, estes ovos, por exemplo, custariam, talvez, a metade do preço por que são vendidos agora.

A freguezа — Sim. Mas ha cinco annos passados, elles estavam frescos...

• • •

A patrôa diz á empregada, ao ir dar o primeiro banho no menino:

— Maria, vae buscar o thermometro.

— Para que, patrôa?

— Para saber si a agua está fria ou quente.

E a empregada responde:

— Não é necessario o thermometro, patrôa. Si o menino ficar vermelho, é que a agua está quente, e si ficar azul, está fria...

• • •

Ella — Cavalheiro, o senhor insulta-me com sua proposta de casamento! E si não se retirar immediatamente, mandarei meus criados pol-o na rua!

O pretendente — Devo tomar essas palavras como uma negativa?

• • •

O medico — O senhor não está passando bem, amigo. Tem muita agua no ventre.

O cliente — Não é possivel, porque só bebo vinho. Mas, afinal, pode ser. São tão descarados esses donos de armazens!

• • •

Um amador, contemplando os Sete Sacramentos, pintados por Poussin, criticava o quadro que representava o matrimonio.

— Noto perfeitamente — concluiu — quão difficil é fazer um bom casamento, mesmo em pintura...

• • •

Querendo combater o vicio da preguiça em seu filho, um pae dizia ao rapaz:

— Um joven que madrugava muito, uma vez, ao sahir de casa, cedinho, encontrou uma carteira na rua.

Ao que o preguiçoso respondeu:

— Pois bem se vê, papae, que mais madrugador era o que perdeu a carteira...

• • •

O forasteiro — Dize-me uma coisa, garoto: que existe de mais curioso nesta terra?

O menino — Minha mãe, senhor. Não lhe escapa nada!

• • •

Na America do Norte:

— Estou estranhando a tua constancia, Ernestina! Faz já seis mezes que não te divorcias!

— E' porque meu marido anda sempre de azul-marinho, e essa côr vae muito bem com a minha tapeçaria...

• • •

No restaurante:

O freguez — Por que deixam que esse gato incommode a todo mundo por debaixo das mesas?...

O "garçon" — Apenas por isto, senhor: como o prato do dia hoje é lebre, o patrão quiz que o gato ficasse bem á vista dos freguezes...

• • •

Dois judeus associaram-se para trabalhar juntos. Um delles chamava-se Isaac, e o outro, Samuel. Mas este se embriagava frequentemente e se descuidava muito dos negocios.

Isaac disse-lhe, um dia:

— Não admitto mais isto! A proxima vez que você vier nesse estado para o trabalho, dar-lhe-ei um tiro.

No dia seguinte, chegou Samuel, ebrio como sempre, e Isaac lhe poz uma pistola no peito, dizendo-lhe:

— Vou matal-o!

Mas Samuel falou:

— Espera: quanto queres pela pistola?

Ante essa pergunta, Isaac depoz a pistola, e exclamou:

— Quem mata um homem que nos propõe um negocio?

• • •

Em uma cidade do interior, mostraram a um viajante uma placa collocada numa parede, a sete metros de altura, e com uma inscripção que dizia:

"Até aqui chegaram as aguas da inundação de 1920."

— Como! As aguas attingiram a essa altura? — exclamou, espantado, o forasteiro.

— Não, senhor — respondeu-lhe um habitante do logar. — As aguas chegaram apenas a um metro de altura, e no ponto por ellas attingido foi collocada a inscripção. Mas, como os meninos que jogam "foot-ball" estavam sujando a placa, se resolveu collocal-a mais em cima.

• • •

— Doutor, minha sogra está com pneumonia.

— Pois, vou lá immediatamente.

— Não ha tanta pressa, doutor. Pode ir no fim do mez...

• • •

O professor — Quem te ensinou semelhantes palavrões, Joãozito?...

Joãozito (com orgulho) — Quem me ensinou?... Ora, ninguem! Eu é que os ensino aos outros...

• • •

— Ha, no circo, uma moça que monta a cavallo no pescoço e quasi na cauda.

— Isso nada tem de extraordinario. Eu fiz o mesmo a primeira vez que montei a cavallo.

MARTYRIO

(Um conto veridico)

O capitão de policia que estava no posto de El Paso, no Texas, viu aproximar-se da sua secretária uma mulher que entrara furtivamente. Ella trazia um chale enrolado em volta da cabeça e, apenas com os olhos de fóra, disfarçava para não ser reconhecida mais tarde.

— Que deseja? — perguntou o capitão.

— Mande seus homens á Tornilis, na casa tal, faça-os entrar na residencia dos Chavez e que procurem no quintal o chiqueiro: lá terão de que admirar-se...

Após isso, a desconhecida fugiu.

"E' engraçado!" — disse o capitão. Reconsiderando, porém, chamou os seus dois auxiliares — Ira Cline e Ivy Fenley, que são bons detectives, e mandou que verificassem o que havia de veridico no caso.

Foram, e, logo no jardim da casa, viram quatro crianças, fortes e sadias, que brincavam. Mais distante, um baby esperneia dentro do berço. Vendo os policiaes, os maiores ficaram silenciosos. Um delles, depois de alguns segundos de reflexão, correu para o lado da casa. "Fique aqui!" — ordenou Cline. E, olhando através das taboas que formavam o chiqueiro, que occupava uma ala do quintal, viram que elle se dividia em duas partes: uma para pombos e pintos; outra, destinada aos porcos. Mas ali não havia suinos; o que elles viram foi uma fórma humana, coberta com dois mulambos cujos, e de uma magreza horrivel. Era uma criança! Uma menina semi-nua, suja, com os ralos cabellos emplastrados de lama. Ajoelhou-se e juntou as mãozinhas como em prece. Os detectives arrombaram o cadeado e entraram. A pobre criança estava sobre um colchão velhissimo e sujo de horrorizar! Era o unico conforto que havia no despido chiqueiro. Uma lata, velha, servia de deposito de agua. Havia ossos pelo chão, atirados como a um cachorro leproso. Cline abaixou-se e carregou a criança para fóra. Pelo peso parecia ter tres annos, mas pelos olhos via-se que tinha mais. O olhar era o de um animal acostumado a ser espancado.

— Sou Julia — disse ella — e tenho fome.

— Quem te fechou aqui? — indagaram os policiaes.

A pequena sacudiu a cabeça, como si não comprehendesse.

— Quanto tempo esteve presa neste chiqueiro?

— Sempre — respondeu a encarcerada. — A moça que mora na casa traz comida e a joga pelas frestas. Tambem quando faz escuro me dão comida mais limpa, mas não vejo quem é. As crianças da casa me ensinaram a falar; ellas ficam do lado de fóra e falam commigo. Muitas vezes me atormentam.

Julia ignorava tudo quanto se passava do outro lado do mundo; o seu universo era o estreito chiqueiro em que fôra creada. Gostava das crianças; nada sabia a respeito de limpeza. "Que é um banho?" — perguntou... O seu vocabulario era dos mais restrictos. Falava vagarosamente e mal.

Os detectives levaram-na e tambem a mulher que occupava a casa. Esta informou ser a madrasta de Julia e a mãe das outras crianças.

Em pouco tempo explicou-se a vida da pobre reclusa.

Os rapazes julgaram que ella tivesse apenas quatro annos, mas a madrasta disse que a enteada contava 13.

Julia nunca tivera um brinquedo! Ignorava que houvesse um mundo além daquellas pranchas que fechavam o sordido chiqueiro.

Scientificamente falando, apesar de ter passado dez annos dentro daquellas quatro paredes, ella só contava quatro annos, pois a má nutrição e o isolamento a fizeram parar no quarto anno de vida, e o seu corpo e o seu intellecto tinham o desenvolvimento relativo a quatro annos apenas.

Os vizinhos disseram que jamais a pequena sahira do immundo chiqueiro e que a madrasta só lhe dava restos sujos e parcos. Que ás vezes elles lhe forneciam leite e outras coisas, mas isso com cuidado, para que a malvada não os visse.

A madrasta contou que fechára Julia, para separal-a dos outros, porque um medico (que ella não nomeava nem sabia onde estava) dissera que a pequena era tuberculosa. O pae não a queria dentro de casa, e, por isso, ella mantivera a doente no chiqueiro.

A primeira hora de vida exterior de Julia devia ter a apparencia de um conto de fadas. Os autos, os cavallos, as pessoas, as casas, tudo, emfim, que ella jamais vira em seu carcere triste, devia parecer-lhe uma visão de outro mundo bem melhor do que aquelle que conhecia...

As comidas que lhe deram eram olhadas como coisas estranhas. Julia só conhecia ossos e migalhas.

A subida no elevador em que foi para o hospital, os carinhos da enfermeira, o banho, as roupas, os sapatos — tudo foi surpresa para a miseravel abandonada.

Diversas pessoas de El Paso escreveram, pedindo para adoptar a infeliz menina; mas Julia ficará em observação medica, pois o seu caso é digno de estudo. Mais tarde irá para algum asylo na California.

Do pae e da madrasta, nada adeantam os jornaes onde lemos esta noticia, mas é provavel que já estejam presos, espiando o monstruoso crime que tão perversamente commetteram durante dez annos.

FIDALGUIAS

VIVIA em Paris um banqueiro riquissimo, que Alphonse Daudet tomou para modelo do seu «Nababo»: era o celebre Bravais. Elle possuia as mais bellas e sumptuosas moradas e a sua maior ambição era nellas acolher os mais illustres hospedes: principes, ministros e reis... si se apresentasse a occasião.

Achava-se em Paris Ismail Pachá, o brilhantissimo khediva do Egypto. Tratou Bravais de convidal-o a visitar sua nova «villa», adquirida havia pouco tempo, e á qual puzera o nome de «La Belleau». Ao khediva se havia mencionado o banqueiro Bravais como o Creso da moda, e exageravam-se os seus rasgos de magnificencia. Ismail sorriu e quiz dar-lhe uma liçãosinha de grandeza.

Acceitou, pois, o convite, dirigiu-se á «villa», admirou-a em todos os sentidos e, em certo ponto, falou friamente ao banqueiro que a desejaria comprar.

— Mas, alteza, «Belleau» não está á venda.

— Justamente por isso, desejo compral-a. Quanto quer?...

Bravais, embaraçado, não sabendo como fugir, respondeu, rindo:

— Quem sabe? Talvez si sua alteza me offerecesse dois milhões...

— São vossos — respondeu o khediva. E então a «villa» é minha.

Bravais inclinou-se.

Na occasião da despedida, Ismail mandou chamar um instante o banqueiro ao gabinete que lhe havia sido reservado, e onde estava o seu secretario. A um gesto do principe, este ultimo apresentou ao banqueiro um cheque de dois milhões e Bravais assignou o documento cedendo a «villa». O khediva observou, sorrindo, a escriptura de venda em regra e depois, com um gesto gracioso, a offereceu ao banqueiro:

— E agora, amigo, acceitae, em troca de todas as gentilezas com que me haveis cumulado estes dias, a minha «Belleau», que vos offereço de presente!

Nesses gestos de fidaguia se comprazia os principes do tempo passado. Assim se conta a visita do magnifico Carlos Quinto a André Doria em Gênova, no seu esplendido palacio de Fassudo.

O grande imperador, offuscado pelo deslumbramento do sumptuoso palacio do grande almirante, manifestou a sua viva surpresa. E Doria, sem mais, pediu-lhe que o acceitasse de presente... Carlos Quinto acceitou. Somente poz uma condição: que tudo ficasse no seu logar em guarda dos Doria, para gozar da residencia todas as vezes que elle e os seus estivessem em Genova.

Cortezias de principes e de reis do magnifico seculo quinhentos.

E do seculo setecentos é interessante a figura de Jean Jacques de la Borde, victimado pela Revolução Franceza na idade de setenta annos. Rico, grandioso, foi o Mecenas dos artistas, para quem a sua bolsa era sempre aberta.

Um dia, elle foi visitado por um fidalgo da côrte, que, sem rodeios, lhe disse:

— Certamente, muito grande será a vossa surpresa que eu, sem ter a honra de conhecel-o, tenha tomado a liberdade de vir pedir-lhe emprestados cem luizes.

O senhor de la Borde olhou um instante para elle, sorrindo, bondoso:

— E vós, senhor, vos surprehendereis mais do que eu quando vos disser que, sem ter a honra de vos conhecer..., vol-os dou...

Os tempos mudaram, não resta duvida.

A PELLICULA escurece os dentes Remova-a diariamente

SORRISOS vencedores desenham-se apenas em dentes de immaculada alvura e só podemos mantel-os assim se os conservarmos sempre livres do que os Dentistas designam por pellicula. Essa pellicula é a fonte principal de todas as dôres de dentes e males da gengiva,—da cárie e da pyorrhéa.

Para a remoção da pellicula os Dentistas receitam Pepsodent, — o dentifricio especialmente preparado para tal fim. A sua acção é de enrespar a pellicula fazendo com que a escova a remova facil, delicada e completamente.

Em poucos dias os dentes ficam limpos e claros e começam a brilhar. E as melhorias se vão accentuando sem cessar dahi em diante.

Pepsodent não contem pedra pomes ou abrasivos damnosos. É tão macia que os dentistas a recommendam para limpar os tenros dentes infantis.

Comece hoje. Compre o Pepsodent em qualquer boa Pharmacia. Observe a extraordinaria melhoria que obterá desde o principio.

Pepsodent

O Dentifricio especial para a remoção da pellicula

Approvado pelo D. N. S. P. Rio de Janeiro 30 de Maio de 1924, sob o No. 2120

DAME FRANÇAISE

ENSEIGNE SON IDIOME AU DOMICILE DES ÉLÈVES AVEC MÉTHODE FACILE ET RAPIDE.

Rua Visconde Pirajá 260 - sobrado

TEL. 7-2407

LEIAM

SELECTA

todas as quartas-feiras

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1887

VERSOS

PREDESTINAÇÃO

Havias de cantar em minha estrada um dia.
Havias de surgir um dia ao meu olhar
como surge no espaço o largo resplendor
das festas matinaes.
Havias de trazer-me o teu calor. Havias
de corporificar

o vulto rosicler das minhas alegrias.

Doida, tonta de amor, na senda rutilante
que te guiou, para mim tu vieste me encontrar,
Salomé sem riqueza e sem ansia de sangue,
tu vieste me encontrar sozinho e tiritante
de frio, a te esperar, doido, tonto de amor.

Meu deslumbrado olhar ha muito te previa
nos poemas gentis das manhãs enfeitadas
ou com gritos de sol ou com neblina langue
para allegorizar
a maravilha branca e escandalosamente
cheirosa do teu corpo.

PEDRO CONTI

O MEU PALACIO

Estava edificando o meu Palacio
para além das estrellas, muito além.
Era feito de um fluido violaceo
côr da enorme saudade que me vem...

Era tão lindo que os Archanjos vieram
revoar-lhe em torno com deslumbramento!
E um halo suavissimo disseram
que o céo não tinha igual em monumento.

Eu sorria, feliz, e accrescentava
que nem os Anjos lá penetrariam...
Só tu e só minha alma como escrava
da tua alma nelle, juntas, viveriam.

E quasi o tinha concluido quando
senti baterem, de mansinho, á porta...
O meu Palacio foi desmoronado...
E tu na angustia da Saudade que me corta
surgiste... E elle esboroando... esboroando calma
e tristemente, sepultou-te na minha alma...

(Do "Collar de Saphiras").

JONNY DOIN

A I N D A

Ha quanto tempo já que tu passaste
por minha vida...
Tu formavas, querida,
adoravel contraste
com a calma de teus gestos
e a suave quietude do teu olhar
ao lado desse ardor
em que via manifestos,
sem mesmo procurar,
meus dôces amargos idéaes de amor...

. . . .

Ha quanto tempo já que te não vejo...
Quantos beijos que eu dei pensando num teu beijo.
Não vês? Já perdi tudo: ideal, respeito, crença,
só creio numa coisa, em tua indifferença...
Não obstante, querida, não obstante,
retenho ainda qual visão distante
aquelle amor que para mim foi tudo:
mesmo tão nobre, mesmo tão possante,
nasceu, cresceu, morreu, desesperado e mudo.

LUIZ DA COSTA AMARAL

SEM VOCÊ...

Você parte. E, partindo, leva comsigo
Toda a alegria de um coração amigo,
Toda a despreoccupação das horas de lazer
Que hei de viver agora... nem sei como dizer...
Depois, sem você, quanta tristeza! E que tolice
Ficar sozinho esperando a velhice!
No emtanto, irei buscando, sem atinar porque,
A delicia de só me lembrar de você
Com uma grande saudade louca
Dos seus olhos, da sua bocca,
Da sua alma que encantou a minha,
De você toda afinal, todinha!
Sem você, depois, que ideal terei eu,
Si é você para mim quasi um céu?
Sem você, ficarei num viver sombrio
Porque sinto já tudo tão triste e vazio
E uma saudade profunda, um não sei quê
Que é um castigo por ter gostado de você!...

CELSO FOOT GUIMARÃES

N A M I S S A

O sino chama. Os fiéis, cheios de zelos,
Vão para a missa e tu, piedosamente,
Entras na egreja então, toda desvelos.
Entro e ajoelhado fico, reverente.

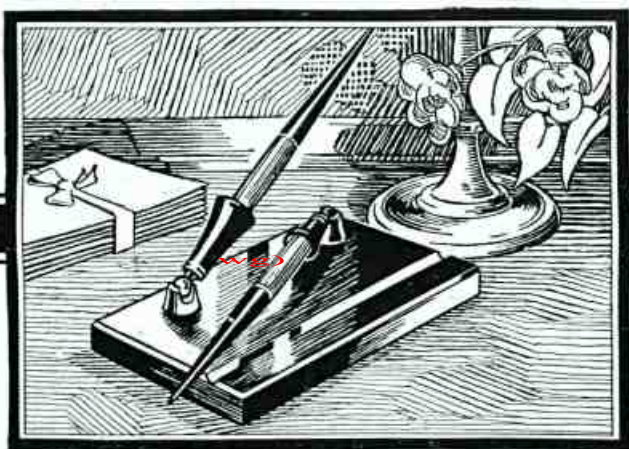
Fitas os olhos, quasi sem movêl-os,
No grande altar do templo. Como um crente
Fito os olhos no altar dos teus cabellos.
Pensas em Deus e eu penso em ti, somente.

Pois minha Déa és tu, só tu me enleias.
Contrita, abres o livro côr de rosa
Das orações e, extatica, o folheias.

Contricto e fervoroso eu, baixo, exclamo,
Ao ver, então, que rezas, fervorosa,
Minha prece sincera: "Eu te amo! Eu te amo!"

ALCEU J. MARQUES

Duofold Grande Rs. 100$000;
Duofold Jr. Rs. 85$000
Lady Duofold Rs. 75$000

Unico Distribuidor no Brasil: A Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 208,
Rio de Janeiro

Fascinação

Nemhuma outra caneta-tinteiro pode equiparar-se á Caneta Parker Duofold de contornos sem jaça.

Caneta alguma possúe em tão perfeito equilibrio um incomparavel aspecto com uma facilidade unica para o escrever. A Caneta Parker que "Escreve sem Pressão," de corpo levissimo e indestructivel, feito de "Permanite" Parker —com uma capacidade para tinta 24% maior —garante um serviço sem falhas.

Eis porque ao comprar uma caneta-tinteiro, deve V. S. buscar a inscripção "Geo. S. Parker Duofold" que está no corpo da caneta. Um nome como este num instrumento para escrever, constitúe o verdadeiro signal de distincção.

Examine em qualquer bôa loja as Parker Duofold na collecção de cinco côres encantadoras, ou nos modernos tons em Preto e Perola.

Parker Duofold

Canetas · Lapiseiras · Porta-Canetas Para Escrivaninha

Salvitae

O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO DIURETICO E LAXANTE

CONTRA

A GOTTA RHEUMATISMO PRISÃO DE VENTRE
DOR DE CABEÇA BILIOSIDADE INDIGESTÃO
DIABETES DOENÇA DE BRIGHT

A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS E PHARMACIAS PRINCIPAES

AMERICAN APOTHECARIES COMPANY. NEW YORK